ANNO XXVII — N.º 1
Rio, 7 de Janeiro de 1933

O SUOR DAS AXILLAS

estraga irremediavelmente as roupas e tem emanações accentuadamente desagradaveis.

MAGIC é o producto usado pela alta sociedade e recommendado pelos medicos para evitar por completo o Suor das Axillas, Pés e Mãos, sem irritar a pelle nem affectar a saúde.

MAGIC dispensa o uso dos suadores de borracha e é economico: cada vidro dura quasi 1 anno!

GRATIS! Interessante Folheto Illustrado

Laboratorio Magic — R. Dois Dezembro N.º 77 — RIO

Nome ....

Endereço ....

Agentes para o Brasil:

Araújo Freitas & Cia. — R. Ourives 88, — RIO

MAGIC

A CORDA QUE SE PARTIU

De Dilke de Barbosa Rodrigues

FOI em uma noite após a do Natal. Ainda, em cada aposento, se reconhecia essa passagem, como si as flôres, as novas bonecas de henci espalhadas, ora sobre uma almofada, ora sobre uma poltrona de velludo, a pulseira de brilhante de Luiza, os brincos de turqueza de Maria, a gemma de saphyra do meu novo anel a alegria de nossos olhos marcassem aquella data.

Eramos cinco ao todo: Frei Jacques, Luiza, Maria e eu. O luxuoso ambiente morno e avelludado do salão nobre dos parentes Grêville era illuminado por um bello lustre, imitando as velas de um antigo candelabro; na parede, télas raras, no chão, tapeçarias caras; a um canto, um Brunswick de cauda e, sobre elle um violino. Aqui e ali, poltronas de pellucia rosea; uma mesa de carvalho, finamente lavorada, ao centro e, sobre ella, um Sévres formoso, d'onde pendiam enormes rosas carmezim. Do outro lado, em baixo de uma téla de Rembrandt, um "foyer" electrico: sobre elle, um relogio de Mogno e uma bonbonniére de saborosos "madame Sevigné". As pontas longas de nossas vestes emprestavam uma nota heráldica ao perfumado ambiente. Alguem, tal vez, visse alí a evocação de um serão de outróra, velha téla, onde nem siquer faltava a figura austéra de um prélado, em pé, a ler recostado o braço á lareira.

Maria, a saudosa e loura Maria, fragil flôr de primavera, que nos deixou ha dois invernos passados, tomou do violino, em que ella era eximia, e pôz-se a executar Debussy, na melancolia daquella noite muito fria. Em seus hombros eburneos repousava a sua formosa e cacheada cabeça de boneca ingleza, buscando a magia que, do violino, se evolava. Que linda ella era! Considerava-a a mais bella parenta. Ouviamol-a em silencio, transportados, quando os meus olhos perdidos, num enlevo, descansaram tristes, na figura veneravel do velho tio da prima Herminia em cujo "cottage" nos hospedámos naquelle inverno de *Fontainebleau*. Frei Jacques abandonára o classico, de ha pouco.

Enlevado, cruzadas as mãos ao peito, contemplava a loura artista daquella noite.

Luiza mirava-o tambem e elle, em seu extase, nem parecia notar-nos. Eu, a mais perspicaz das tres romanticas reunidas, logrei descobrir, nos olhos de frei Jacques bem num cantinho, uma gotta brilhante como uma estrella isolada num céo muito negro: uma lagrima: adivinhei nella a ultima pagina de um romance triste...

Como quem péga a malha por um fio, tambem, num apice, exclamei, ao termino da musica de Maria:

— Sonhando, frei Jacques?

Como quem desperta, o velho clérigo arregalou os olhos, fixou um ponto vago e mentiu:

— Debussy... o violino... velhas cordas, que lembram a triste historia do meu primeiro confessado!

— Que analogia expressiva deve haver entre as velhas cordas de um violino e um romance triste?...

E' licito conhecer, frei Jacques, a sua historia?

— Que allusão é essa, menina? *Minha historia!*

E a voz do velho religioso tornou-se brusca:

— Julgam, acaso, que eu tive um romance, ou me tornam por caduco?

Comprehendi o justo receio de frei Jacques, e retomei a palavra:

— Frei Jacques, eu pensei que o reverendo padre tivesse um romance... Quem os não têm?... Mas, dizendo *seu*, eu não queria dizer propriamente o *seu romance*, mas o que sua reverendissima tem a contar-nos".

A ruga de sua testa se desfez e a serenidade voltou a illuminar a sua physionomia morena e doce. Alegrou-se e quiz, com o incidente, escapulir-nos, dando-nos a beijar o seu annel de amethysta, um annel que devia ser dos poetas... Mas já estava na rêde de nossas machinações e não nos poderia fugir... Qual de nós seria insensata para deixál-o partir com um entrecho apenas enunciado e tão promettedor? Sabiamos que, por rodeios, haviamos de forçál-o ás falas...

— Espere, frei Jacques: é tão cedo, ainda... Não se vá agora — nove e meia... Conte-nos antes uma historiazinha... Lembre-se que obstou a nossa ida á "Comedia"... Precisamos de algo para prolongar o serão... Conte-nos, frei Jacques, uma historia:

— Já leram a vida de Santa Thereza?

— De Santa Thereza? — exclamámos, decepcionadas: — sim, deram-nos a ler no collegio, mas queremos outro genero: um conto de amor.

— De amor? — disse, rubro, o religioso.

— De amor — repetimos: — a de seu primeiro confessado, por exemplo. Ah! si os confessores quizessem, poderiam ser romancistas admiraveis! Tantos segredos lhe são confiados!...

— Para serem revelados?

— Por que não? Estamos em familia; depois, contam-se intrigas, omittem-se as personagens.

E nós, que sabiamos que, antes de professar, frei Jacques fôra poeta, tinhamos uma vontade louca de conhecer episodios de sua mocidade.

— A seu confessionario nunca foi um poeta, frei Jacques? Deve ser tão bonita a confissão de um poeta...

— Um soneto — disse, desconfiado, o parente de minhas primas.

— Sim; os poetas não procuram os confessionarios... Confessam-se em versos... Bohemios todos...

— Parece impossivel, frei Jacques! Veja si se lembra de algum; vamos...

O venerando frade havia de certo, pensar mal da curiosidade das mulheres; comprehendeu que jogava a partida inutil de guardar um segredo perto de quatro seres essencialmente femininos e foi desenovelando, para seu socego, a meada de um mysterio doce:

— Nem que de proposito! Lembra-me, agora, que esse confessado, o primeiro, de que lhes falei, era a bem dizer, um poeta. Uma tarde de inverno, ha muitos annos eu vi ajoelhar-se, deante da téla espessa de meu confissionario, um homem rustico. Tal me pareceu. Mas que engano! Quando elle falou, e es-

(Cont. na pag. seguinte)

ROMPIMENTO

— Conceição!

— Fabio!...

Os dois fitaram-se surpresos, como si uma longa ausência tivesse esfriado a intimidade entre elles.

Fabio se esforçava para sorrir e apenas seus labios os estalavam num ricto de embaraço.

No fundo dos olhos exquisitamente parados delle fluctuava ligeira inquietação.

Sentaram-se alli mesmo, sobre o banco verde, num angulo despovoado do jardim. Um jardim todo cheio de possibilidades para os amantes...

Era noite adeantada e o céu, um sonho indefinido, sem a luminosidade aurea das estrellas. Em baixo, estatuas desveladas, magnolias brancas, sem o perfume forte que embriaga o espirito... Repuxos crystalinos, rodeados de chorões melancolicos... A folhagem esgarçada embalava-se á aragem quasi fria...

Todo o ambiente, demasiado realista, convidava o espirito a reflectir que a felicidade no amôr é uma illusão que nem sempre dura... Antes, céssa com a primeira suspeita no olhar... Com reticencias numa phrase de sensação, no intervallo de um extase... na melancolia inconsciente dos amantes.

Conceição, fria, apparentando indifferença, recalcando o desprazer que lhe causava a tormenta de Fabio, interrompeu-o:

— Pesas tanto as palavras!...

— Não quero levar, com a dolorosa angustia de perder-te, o remorso de te haver magoado...

— Sempre incomprehensivel!

— Não te convem comprehender-me, eu sei, Conceição.

— Fabio, si tu me amas, porque me abandonas, logo agora que me fenecem os sonhos de gozar o frenesi da nossa felicidade?

— Não sou eu quem te abandona, filha! Tu é que recusas seguir commigo o rythmo suavemente triste deste nosso amôr... Suave porque illude. Triste porque nos sensibiliza a sentir que amamos... E me deixas sozinho, sem luz e sem calor, nas trevas frias, em que a negativa do teu amôr converteu a minha paixão... Paixão que punge e me afoga no pesar de não ter aproveitado as susceptibilidades da minha alma para as ascenções do amôr, ao lado de uma mulher que tivesse coração.

— Fabio!... Tu mesmo me propuzeste o rompimento...

— Porque eu sou, desgraçadamente, o orgulhoso e tu deliciosamente perversa... comprehender?!

— Tu me assustas.

— Aproveitas a scentelha penetrante dos teus olhos, para embriagar o espirito da gente na sodencia de emoções. E eu,

A CORDA QUE SE PARTIU — (Continuação)

prestei melhor os seus olhos tristes, comprehendi que tinha deante de minha primeira absolvição um "gentleman", sob uma velha farda gasta, remendada rota muitas vezes, e aquelle rosto de selvagem barba era de um joven de vinte e poucos annos. Queria um conselho, um allivio para seu coração que soffria tanto: Narrou-me a sua vida, que eu synthetizarei, agora: — um poeta fidalgo de vinte annos, noivo de uma moça loira, uma violinista encantadora. Antes de seu sonho se completar, a guerra veiu arrancál-o á felicidade. Partiu, vagou por seis annos entre as metralhas, ao frio e á fome. Voltava, então. Antes mesmo de procurar os velhos paes, correu em busca da noiva querida. Uma garota de seis annos, loura e formosa, com o violino e o arco em posição executava uma escala, alli no jardim do seu palacio! Perto, de costas para a entrada, uma mulher de cabelleira loura dirigia o estudo da menina. Quando elle bateu á porta, a criança abandonou o instrumento e correu a falar-lhe. A governante, um pouco afastada do grupo, foi ter com ella. O andrajoso soldado perturbado, contemplando a pequenita desconhecida, perguntou-lhe pela condessa Maria.

"— A mamãe — disse-lhe a menina —, está alli como sempre, a chorar, porque o violino a commove. Ella me ensina, mas não o executa jamais! Mas, entre, senhor; a mamãe lhe dará um bolo, leite e algumas moedas...

"Suffocado, o soldado dizia:

"— Adeus, menina! — Tudo perdi. Nada mais quero.

"— Fique, senhor — disse a ama; — a senhora o receberá bem... Condóe-se tanto da sorte dos soldados! Dizem que o seu primeiro noivo morreu na guerra...

"— Obrigada, senhora; eu devo partir! Adeus, menina!

"E, beijando as mãos da creança surpresa, elle a deixou com a sua estupefacção, recusando a esmola. Encaminhou-se, num intuito louvavel, para a Igreja. "Que fazer?" — perguntava-me. Maria Chora, ainda por mim. Devo ir a ella, ou desapparecer?" "Olha: ella te considera morto, é casada, tem uma filhinha; infeliz que seja, não te é licito protegêl-a. A mulher, quando casa, si é venturosa, está no altar. Não a toques ¡ella é divina! Infeliz, está como em uma fogueira: não a tires d'ahi... não a tornes mais des-

De Getulio Teixeira

louco, quiz buscar na profundeza insondavel da tua alma essa emoção para a minha alma... Num momento de desvario, implorei-te uma jura de amôr. Não me satisfaz a declaração silenciosa que subia de todo o teu encantamento. Quiz felicidade maior... mas ella partiu-se toda no choque da minha avidez de amante, com a tua perversidade de mulher... Louco que fui!...

— Tu dizes louco, Fabio?!

— Louco, sim! Não um louco vulgar. Mas um louco desgraçado. Porque á mulher não se implora amôr. Para tél-a dobrada aos nossos pés, mendigando amôr, é preciso negar-lhe amôr.

E Fabio continuou resoluto:

— Sim, eu comprehendo, Conceição. Hoje não gritas bem alto que me amas, porque já palpaste minha fraqueza... Mas eu me vingo deixando-te.

— Não, Fabio, fica... A's vezes...

E Conceição, escandalosamente feminina, revirou os olhos abstractos para os olhos mortos de Fabio, como si o quizesse dominar.

— E's linda... E's perversa e vaidosamente tola. O meu espirito, porém, não se incendeia mais á chamma do teu olhar malandro, porque elle agora está revestido com a couraça do orgulho. Uma couraça inaccessivel, comprehendes?... Um orgulho essencialmente masculino e caracteristicamente meu... Um orgulho que suffoca todo o lamento da alma torturada e dulcifica uma paixão.

Fabio calou-se de repente. Depois, levantou-se automaticamente e, estendendo a mão á mulher, meio assustada:

— Então, minha deliciósa Conceição, não confessa que eu sou o todo da tua vida?

E ella, duvidando de tanta ousadia, abanou-se, indifferente:

— Ainda não sei...

— Oh, minha vaidosa amiga! Descobriste demasiado tarde a minha fragilidade. Não pudeste dominar por muito tempo... Tudo está pacificamente acabado entre nós... Nada de richas. Nada de tragedias... Adeus, Conceição...

— Fabio!... Não...

E o rapaz perdeu-se nos leques verdes da ramada.

Conceição teve o impeto macabro de gritar dentro do silencio inquietante da noite. Mas dominou-se com heroismo, levando ao triumpho o seu capricho inconsciente de mulher. E pensou:

— Elle voltará...

E seus labios vermelhos entreabriram-se num sorriso gelado e nú, como a estatua branca da Flora, que lhe encimava a cabeça.

(Conclusão) — A CORDA QUE SE PARTIU

graçada... Os santos tambem morreram, por um ideal, entre chammas. Sua corôa é o soffrimento. Antes a prisão, no dever, que feliz em liberdade! Deixa-a em paz! Segue outro destino... Ella te suppõe morto... Está perdida para o teu sonho; esquece-a, para que encontre, um dia, a felicidade! Tem uma filhinha; o marido ama-a, dá-lhe conforto; que mais queres? Do contrario, o teu amôr não é amôr, que é um sentimento tão bello quanto mais facil é renunciar para a ventura do bem amado!" Elle ouviu-me soluçante e foi-se embora. Morreu, talvez, ou renunciou a tudo, elle, o moço poeta, o fidalgo, o guerreiro maltrapilho."

— Mas — commentou a piedosa e ingenua Maria, a afilhada de frei Jacques — elle não devia ter morrido... Por que não o aconselhou a tomar o habito, padrinho?

O pobre frei Jacques, laconico, distrahido, de ordinario, palrador jamais, não respondeu. Puxámos, nós outras, sentadas no chão sobre almofadas, pelas vestes della que cahiam a nossos pés, da poltrona, onde estava... Identificámos o nosso entendimento. Frei Jacques deu-nos a beijar o seu annel, de côr tão triste. Era esse gesto seu synonimo de "mot de la fin!"... Deixou-nos...

Fazia-se tarde. O violino, esquecido sobre uma poltrona, pedia o calor de sua caixa pardacenta. A sua dona entendia-o perfeitamente. Mudas, ante a historia de frei Jacques, a reflectir, a sonhar, pensámos em nos recolher. Maria foi a primeira a erguer-se, para guardar o violino. Ao fazêl-o, a uma distracção, nervoso, sei lá!, uma corda partiu-se; não sei porque, o nosso pensamento vôou para frei Jacques...

Na manhã seguinte, o bom frade não despertou á hora de costume. Mais tarde, fomos vêl-o! Estava pallido e sereno. O medico falou em dilatação da aorta... coração... Sua alma devia ter subido, á noite passada, ali pelas onze horas, ao murmurar a primeira "Ave-Maria". Ao tempo, talvez, em que a prima Maria guardava, na velha caixa pardacenta, o seu caro violino... Soubemos depois: aquelle violino fôra-lhe offertado pela Condessa Maria, por occasião de sua morte.

Quem sabe si a vida de frei Jacques não estava naquellas cordas?...

— Dou sessenta contos de dóte á mais moça de minhas filhas; cem, á segunda, e duzentos á terceira...
— E o senhor não tem outra ainda mais velha?

A suprema prova de amor

FRANCINA ia sahir. O espelho reflectiu sua passagem pelo estreito corredor que fazia as vezes de vestibulo. Levada apenas pelo costume, lançou um olhar á sua figura em marcha. E esse olhar a encheu de amargura, quando viu reflectida no crystal uma Francina triste e pouco elegante, em vez da Francina viva e radiosa que outr'ora, ao sahir nas tardes como hoje, sorria tão alegremente ao crystal que lhe devolvia sua imagem.

Mal chegou á porta de sahida, um ruido de chave na fechadura a immobilizou. Só podia ser seu marido. Por que regressava, si fazia apenas alguns minutos que havia sahido? Era bem elle.

— Oh!, sabes? — perguntou a sua esposa. — Esqueci-me de uns documentos de que necessito... E' ridiculo... Estou perdendo a memoria... Desde algum tempo, já não sou o mesmo... Ignoro o que me succede, mas já não sou o homem que era... Francamente, começo a inquietar-me... Não me disseste que ias sahir. Aonde vaes?

— Oh, querido!... Vou ás compras, e fazer uma visitas..., como quasi todo sos dias...

— Sim, sim... Comprehendo...

Francina respirou, alliviada. Conhecia bem Bernardo. Aquelle gigante sombrio a olhava com certa surpresa. Mas, em sua attitude, naquella mesma surpresa, ella comprehendeu que seu marido ignorava tudo de sua vida secreta.

No emtanto, de repente, Bernardo empallideceu, seus traços se endureceram, e Francina, penosamente commovida, sentiu chegar um daquelles terriveis accéssos de cólera de que, havia algum tempo, era presa Bernardo, repentinamente, sem razão apparente.

Deixou bruscamente seu chapéo, sua grande pasta de documentos, e sua voz tremeu com furor crescente, ao dizer:

— Escuta, Francina... Bem sabes que eu tenho confiança em ti... Dou-te a mais absoluta liberdade, não é verdade?...

— Realmente, Bernardo... Mas acalma-te, por favor!...

— Muito bem!... Si alguma vez tu abusasses dessa liberdade... oh!, eu te estrangularia com estas mãos...

Estava livido, e suas mãos temiveis avançavam, ameaçadoras, abertas como tenazes...

— Que tens? — perguntou ella, docemente, occultando seu mêdo e sua emoção.

— Nada. Ponho-te de sobreaviso, simplesmente... Volto agora de repente, encontro-te preparada para sahir... e digo-te o que devo dizer-te. Nada mais!

Como havia mudado Bernardo! Companheiro sempre reconcentrado e taciturno, mas amavel, agora se tornára irascivel. Alguma coisa se havia quebrado obscuramente naquelle grande corpo de athleta, e a violencia o dominava actualmente, em impetos de furor,

— Oh, Bernardo! Bem vês como estou vestida! Isto é elegancia? Dize-me! Tenho o aspecto de uma esposa infiel que vae para alguma entrevista? E' alegre minha expressão?

— Não, bem se vê... Mas eu não te accuso! Si tivesse motivo para fazêl-o, já estarias morta! Comprehendes?

— E então, Bernardo?

— Então?...

Sua cólera se dissipou tão rapidamente como havia apparecido.

— Perdôa-me, Francina... E' horrivel! Ha momentos em que não sou dono de mim...

— Tranquilliza-te, pois, Bernardo! Não ha motivo algum...

Com o olhar distante, elle passou a mão pela fronte banhada em suor.

Ah! Francina pensava que, si antes de encontrar o outro, Geraldo, pudesse desvendar as causas verdadeiras daquella adustez, daquelle mutismo que a haviam afastado de seu marido... Hoje, ella comprehendia a natureza mórbida do temperamento de seu marido, e sentia-se penetrada de uma grande compaixão glacial. Era necessario que, de agora em deante, se dedicasse inteiramente aquelle irascivel, a quem já não amava. Era necessario que tratasse delle. Bernardo não era um máo homem e tambem não podia ser responsavel por seu genio áspero, nem por suas violencias.

Ah! O sacrificio de Francina ia ser, talvez, cruelmente facilitado pelo destino. E a amante dolorida temeu que, a partir de então, nada nem ninguem a desviasse de seus deveres.

Porque, nessa tarde, Francina não tinha nenhum encontro marcado com Geraldo, e sim com Maria, a velha criada deste.

Maria foi pontual. Em pé sob as árvores de Luxemburgo, lançando furtivos olhares aos transeuntes, esperou a chegada de Francina.

— Bôa tarde, minha bôa Maria. Você poude escapar um momento?... Que noticias traz?

A velha sacudiu tristemente a cabeça, e respondeu:

— Bem más.

— Eu já o esperava — disse Francina, que, no emtanto, sentiu que as pernas se lhe dobravam. — Não ha mais esperanças?... Fale!

— Sim, senhora. Os medicos só lhe dão um dia de vida...

— Quanto tempo esteve você na America do Norte?
— Pouco mais ou menos tres maridos...

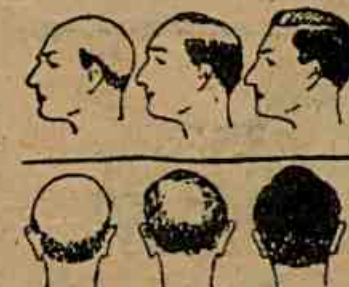
— Oh, meu Deus! Meu pobre Geraldo! E' horrivel!... Oh, Maria, Maria! Eu não poderia vêl-o?

— Sabe bem que não, minha pobre senhora! Seu pae e sua mãe não o abandonam um só instante desde que chegaram de sua provincia para tratar delle...

— Mas, não poderia apresentar-me abertamente... e dizer-lhes: "Aqui estou. Eu sou a mulher que elle ama."?

— Nem pense nisso, por Deus! Expulsal-a-iam de casa! Sem saber quem é a senhora, já a odeiam! Foi inutil que eu lhes explicasse o quanto a senhora ama ao senhor Geraldo... Si elles conhecessem o nome da senhora, seriam capazes de dar-lhe algum desgosto... Por minha vez, ignoro qual seja a situação da senhora. No emtanto, permitta-me um conselho: desconfie dessas pessôas e não se deixe ver. Não têm bom coração... Além do mais, a dôr é má conselheira...

— E minhas cartas, e minhas photographias? — perguntou Francina, de repente. — Seria necessario recuperál-as... Você sabe onde estão, Maria? Em uma caixa, no fundo da gaveta da direita...

— Não estão mais ali, senhora. O senhor Geraldo pediu-me essa caixa, e não quer separar-se della. Conserva-a nos braços ou a colloca em baixo do travesseiro. Seria difficil arrancar-lha, sem que elle o percebesse. No emtanto, o tentarei, si a senhora quizer. Mas elle o notará, e a senhora deve comprehender o que isso significa... Oh, senhora, como está ficando pallida!... Vamos, vamos, coragem!... Desculpe-me. Não posso ficar mais tempo. Os paes do senhor Geraldo se aborreceriam commigo... Que devo fazer, quanto á caixa?

— Nada. Deixe-a... até o fim.

— Bem. Mas, nesse caso, a senhora deve comprehender: não serei eu quem a recupere. Será seu pae, ou sua mãe...

— Deixe-a, Maria.

— No meio de minha pena, estou contente de poder o pobre senhor Geraldo ter essa triste satisfação — disse a bôa mulher. — Mas, tem certeza, certeza absoluta de que nenhuma dessas cartas contém seu nome ou seu endereço?

— Sim, Maria. Meu nome figura varias veses nessas cartas. E meu endereço tambem está em algumas dellas.

— Nesse caso — disse a velha, com uma especie de sorriso melancolico e satisfeito —, é que a senhora não teme ninguem.

— Não, Maria... Ninguem...

Mas as palavras detiveram-se na garganta de Francina, como si já as mãos furiosas de Bernardo a estrangulassem.

E quando se separou de Maria e se dirigiu decidida para sua casa, foi conscientemente ao encontro do destino trágico que fatalmente lhe devia estar reservado.

No emtanto, não sentiu o menor desfallecimento: seu mêdo já se havia dissipado por completo.

Porque aquella era a suprema prova de amor que podia dar ao apaixonado Geraldo que, por sua vez, já havia entrado nas húmbraes da morte...

MAURICE RENARD

A ARVORE DE NATAL

(Conto para crianças)

O ar estava sereno. As estrellas brilhavam ostentando suas aguas mais puras no céo azul. As flores abriam suas almas, derramando subtis perfumes, que eram levados nas azas finas e transparentes da brisa.

Aquella noite a cidade estava em festa. Subiam para o céo fogos artificiaes, que rasgavam os véos escuros da noite para desapparecer depois entre suas densas trevas, tão cheias de infinito. Os fogos artificiaes são pássaros de luz que morrem consummidos por suas proprias chammas.

O sino da igreja deu meia noite. Suas notas voaram pelos espaços sem limites das sombras até uma região perto das estrellas, onde existe uma cúpola enorme de um crystal finíssimo e harmonioso. Nesse crystal se reflectem todos os sonhos maravilhosos dos homens e repercutem todos os sons doces que se elevam da terra. As musicas, os cantos, as preces e as palavras de consolo e esperança ficam vibrando constantemente nella.

Em uma pequena casa humilde situada nos arredores da cidade, de onde se vêem mais as estrellas, mas no inverno se sente cruelmente o frio, Cristiano, com a cabeça á janella que dava para o caminho deserto, escutava attentamente o silencio povoado de harmonias. O silencio guarda todos os segredos e occulta todos os ruidos. Os paes de Cristiano eram muito pobres. Trabalhando desde o nascer do sol até o cahir da noite, só conseguiam o indispensavel para viver. O rapaz era pállido, delgado, de olhos profundos e tristes. As mãos de Cristiano eram toscas, devido ao trabalho de todos os dias. Mas seus sentimentos eram subtis e delicados como as flôres.

O ar suave como uma caricia passava á frente de Cristiano. Era noite de Natal. Elle imaginava as vitrines resplandecentes da casa de brinquedos, a igreja deslumbrante de luzes, a musica do órgão que guarda em suas vozes lenda de séculos. O nascimento apparecia deante dos olhos de Cristiano em toda a sua gloriosa humildade. Via o Menino Jesus, com seu sorriso redemptor de infinita bondade, entre a Virgem Maria, orgulhosa de sua santa maternidade, e São José, risonho e feliz. O desfile dos camponezes e dos pastores levando a Jesus seus presentes simples e perfumados, e depois a estrella aberta no céo immenso como uma flôr de luz divina, guiando os Reis Magos, magestosamente, na noite e na distancia. Emquanto Cristiano pensava, rodeado de silencio, seus paes dormiam. Piedosamente, o sonho suaviza as vidas tristes dos pobres, envolvendo-as nos véos ténues do esquecimento...

Cristiano, immóvel, contemplava as estrellas. Muito tempo esteve assim. Pela janella aberta, os genios da noite foram chegando...

* * *

O primeiro a chegar foi o sonho. Vestia um traje escuro com reflexos de luz de luar, tinha os olhos apagados e tristes como um sonho morto. Chegou até Cristiano, lentamente, tendo nas mãos brancas uma rêde de tecido finíssimo. Suavemente, o envolveu na malha e o levou pelo espaço azul. Assim chegaram a uma região dos sonhos, onde crescem flôres formosas, brancas como as espumas do mar, e de um perfume mais penetrante e delicado que uma doce recordação. A' noite, quando as meninas innocentes repousam em seus leitos, suas almas se desprendem brandamente de seus corpos e se elevam sob as estrellas. Chegam assim a essa região das flôres, e, tomando a apparencia de umas fórmas brancas, cultivam esse jardim maravilhoso. Cristiano aspirou o perfume das flôres e fechou os olhos. O sonho levou-o depois pelas regiões do esquecimento e da felicidade. Em seguida, suavemente, o deixou junto á janella de sua casa. Christiano dormia profundamente.

* * *

ENTRE as sombras que o envolviam, pouco a pouco se foi fazendo uma claridade, e appareceu deante do rapaz uma fada magnifica. A mais bella de todos os contos. Seus olhos eram negros, bondosos e tristes. Envolta em seus brancos véos, parecia o espirito da espuma, a deusa da suavidade e da transparencia. Seguia-a sua côrte de honra, que era formada pelos genios das flôres, vestidos de branco, vermelho, lilás, segundo a côr da flôr onde se occultavam. Depois, as brisas suaves, pállidas meninas de cabellos finos e livres; os principes dos sonhos das princezinhas azúes e tristes; e todos os genios da terra, do ar e do mar.

— Vimos visitar-te — disse a fada a Christiano, — porque esta noite te encontras só e como deves exultar pelo nascimento de Jesus, te offerecemos uma arvore de Natal, mais formosa que a que admiravas na casa de brinquedos.

Pronunciadas essas palavras, tomou Christiano pela mão e o levou até um extenso e verde prado nos arredores de sua casa, onde se erguia para o céo um pinheiro solitario e gigantesco. A fada, en-

De José Cardo

tão, fez Christiano sentar-se no prado verde e perfumoso, e narrou-lhe ao ouvido um conto lindissimo. Emquanto isso, todo o cortejo fazia do pinheiro a arvore de Natal para o rapaz.

Os genios do ar collocaram em seus ramos ninhos encantadores, onde pássaros de vistosas plumagens, desconhecidos até hoje, entoavam suas mais doces canções. A abelha de ouro zumbia alegremente junto a caixões que continham um mel mais doce que o das confeitarias, e que tinha o privilegio de proporcionar a quem o provasse o poder de sonhar o que quizesse. Os genios da terra collocaram na arvore o rubi sangrento como ferida, a esmeralda resplandecente, o brilhante de facêtas maravilhosas e todas as pedras preciosas construidas pelos anões barbudos e de máo genio, mas muito sábios, que vivem nas profundezas da terra.

Ao pé da árvore, a Fada da Agua fresca e pura, offerecia a Christiano suas canções mais transparentes. Os genios do mar trouxeram a perola pállida como a lua e o coral vermelho como o sol, e lhe revelaram ao ouvido muitas coisas do fundo do mar. A árvore de Christiano estava resplandecente. Ao amanhecer, a fada levou o rapaz para sua casa e, docemente, lhe disse:

— Sou a Fada dos Sonhos e da Imaginação. Visito os escriptores tristes e os acompanho em seus vôos azúes penetrando em seus pensamentos. Offereço festas, como as que presenciaste, somente aos espiritos que, elevando-se sobre as miserias da terra, chegam até a região das estrellas, em seus cantos de luz. E é por esse motivo que julgam a vida e os homens com doçura, porque são bons de coração de tanto ver coisas bellas. Ainda és muito criança para comprehenderes o sentido exacto de minhas palavras. Muitas vezes te hei de offerecer em tua vida esta festa, como premio de teus sentimentos e como compensação a teus soffrimentos.

Depois de assim falar, desappareceu seguida de seu esplendido cortejo.

Quando Christiano despertou, o sol acabava de botar no mundo sua cara redonda e vermelha.

"Bom dia!" — cantavam os pássaros.

"Bom dia!" — respondiam o rio, e o verme, e a mariposa de azas pintadas.

Christiano olhou em torno, com tristeza. Doía-lhe todo o corpo. O sonho se havia dissipado.

* * *

Pobres poetas, que transformam em versos suas tristezas e dôres intimas. Uma ferida profunda sangra em suas almas. Mas a fada maravilhosa deste conto, piedosamente, dulcifica as amarguras de seus corações e as transforma em cantos de luz. Talvez deixe tambem em suas almas claridade de esperança.

O SAPATO

GASTÃO passava por uma rua do centro urbano, quando tropeçou com um diminuto sapato de mulher. Examinando bem o seu achado, poude descobrir que o mesmo estava marcado com umas letras em que se podia ler claramente: Emilia Logred, rua Saint-Simón, 84.

Era surprehendente que a proprietária da prenda houvesse commettido a extravagancia de marcal-a. Mas Gastão pensou logo que cada pessôa tem seus hábitos e que elle não conhecia muito bem, dada sua timidez, os detalhes intimos das mulheres.

O joven Gastão entrou em um café, pediu papel de escrever e, depois de traçar umas linhas, as entregou, juntamente com o sapato encontrado na rua, a um mensageiro de sua confiança para fazêl-os chegar a sua dona.

O mensageiro se apresentou no logar indicado, perguntou pela senhorita Logred, e em breve se encontrou em presença de uma senhora quarentona e repulsiva. Quando essa senhora rasgou o enveloppe que lhe apresentava o mensageiro, leu:

"Senhora: Não se póde ver coisa mais deliciosa do que a prenda que vos remetto, junto. Eu quizéra ter mil iguaes para fazêl-os objecto de minha admiração mais esquisita. A vossos pés, *Gastão Menetier.*"

— Oh, que lyrismo! — exclamou Emilia Logred, quando acabou de ler a carta.

E acto continuo se apressou a perguntar ao mensageiro quaes eram os traços de Gastão e si este era commerciante.

— Não, senhora. Tem mais de quarenta e cinco mil pesos de renda.

— Está bem. Pódes retirar-te. Hoje não perdi o dia.

* * *

QUINZE dias depois, Gastão, que não havia esquecido o encontro do sapato, e que pensava ir rondar o domicilio de Emilia Logred, estava barbeando-se, quando sua criada entrou, espantada, dizendo:

— Patrão, onde vamos collocar todas as caixas que trouxeram para o senhor, num carro?

— Deve ser engano — respondeu Gastão, correndo até o vestibulo, sem acabar de fazer a barba.

— E o senhor Gastão Menetier? — perguntou-lhe o homem que levára as caixas, apresentando-lhe a conta. — Pois aqui tem o senhor: são setenta e dois mil francos.

E entregou-lhe um papel, que Gastão leu. Dizia assim:

"Casa Emilia Logred. Especialidade em calçados de senhora. Rua Saint-Simón, 84. O senhor Gastão Menetier deve: Por mil pares de calçados, de accôrdo com o pedido feito em sua attenta de 7 do corrente, segundo o modelo que juntava — setenta e cinco mil francos. Recebi: *Emilia Logred.*"

Foi só então que Gastão comprehendeu que aquelle nome em que pensou com tanto amor era o da proprietaria de uma fabrica de calçados, e que o sapato que elle havia devolvido foi tomado como modelo para o grande pedido que lhe entregavam agora, e que elle não teve outro remedio sinão pagar religiosamente.

JULIO CLARETIE

NATAL

De Regina Rizieri

PELO anno 749 de Roma, 40º do reinado de Augusto e 36º do governo de Herodes, rei da Judéa, iam dois peregrinos a caminho de Bethlém. Eram um homem e uma mulher, ambos da tribu de Judá e da familia de David. Haviam deixado a solitude de Nazareth e vinham a Bethlém cumprir o édito imperial prescrevendo o recenseamento da população de todo o imperio.

Chegaram os dois viajantes ao declinar do dia, quando os derradeiros raios do sol illuminavam a cidade de David, assentada no alto de uma collina coberta de oliveiras e vinhas. Ao entrar na cidade, sentiram-se como perdidos entre a multidão de estrangeiros que, de cada ponto do reino, como elles, vinham inscrever-se. Bateram em vão a todas as portas pedindo pouso para a noite: as casas e estalagens todas estavam repletas de hospedes e já não havia mais logar para os pobres viajantes retardatarios.

Desilludidos de encontrar um recanto onde dormir, extenuados de fadiga, voltavam os peregrinos pela porta de Hebron, quando viram, proximo á cidade, encravada no rochedo, uma gruta onde costumavam refugiar-se os pastores com os seus rebanhos.

Comprehendendo os designios de Deus, elles ahi se abrigaram.

Então já era noite, noite fria e brumosa.

A mulher exhausta, quasi desfallecente, deixou-se cahir sobre uma pedra. Com a palha secca encontrada na gruta, o homem preparou-lhe o leito e cobriu a mangedoura que serviria de berço á creança que ia nascer.

* * *

Cessaram todos os ruidos e um silencio profundo, absoluto, desceu sobre a cidade adormecida. Apenas na grota abandonada o casal de peregrinos orava a Deus Eterno...

* * *

A' meia-noite deu-se facto surprehendente, prodigioso, extraordinario: luz intensa, sobrenatural, diffundiu-se pela gruta; do chão brotaram flores como em miraculosa primavera; os ares encheram-se de harmonias singulares e estranhos perfumes e no céo appareceu uma nova estrella, muito mais bella e refulgente do que as outras...

E prodigio maior: legiões de espiritos celestes, baixando numa nuvem, pairaram cantando sobre a gruta e o éco das montanhas de Judá, repetindo as palavras angelicas, annunciou a todos os povos da terra a vinda do Filho de Deus:

Gloria in excelsis Deo, et pax hominibus bonae voluntatis."

Nessa noite memoravel, noite mysteriosa e santa, nasceu, no pobre estabulo de Bethlém, o Rei dos Reis, o Salvador do Mundo...

A LIPOTHYMIA — Pois é; começou a sentir-se mal na officina, e acho que nos darão uma indemnização por accidente de trabalho, porque o medico disse que teve um ataque de linotypia...

REVENDO-TE...

De Gentil Pinheiro

IAM ficando firmes, porém, em desalinhos os globulos de luz. Pupillas nocturnas da terra que se despede. Saudades afincadas para os que ficam e errantes naquelles que partem. E, por isso, nunca se apagam dos que saliem. Focos que illuminam para toda a vida e, talvez, para a morte. E em mim, sempre permaneceram.

* * *

Debruçado á muralha alta e negra do navio, eu te olhava fugindo-me, meu Natal. Não era o vapor que me arrastava, eras tu que não me querias, despejando-me do teu seio, tal a mulher que se ama e que nos recusa, comprehendendo o mal e gozando a maldade. Eu desejava estar comtigo, mas, não me acceitaste como muitas não me acceitam. Então, parti. Parti, não; expulsaram me.

A recordação maior é a dos que foram fustigados porque levam comsigo, além da lembrança, a dôr do desprezo. E eu fui desprezado por não me acolheres, porém, existem amizades que quanto mais repellido mais se estima. E assim sou, tambem, para comtigo. Si me distancio de ti, si longe eu vivo, melhor estás dentro de mim. Sim, porque, tão grande, entraste na minha alma, tão pequena. E ella tenra e sensivel, aos pouquinhos se impregnava de tudo o que possuias. Delicada, como os espiritos juvenis, guarda em estigmas eternos e, ás vezes, dolorosos, num xadresismo de lagrimas, e risos, os aspectos que se lhe desabotôam aos primeiros encontros. E por ter se agasalhado no meu adolescente e ignorante coração o teu multiplo panorama, é que, a todo momento, te revejo.

* * *

Criança, eu saltitava naquellas campinas, não em procura de borboletas, porque já era um triste, mas, em busca de alguem que aconchegados um mirrado soffredor. Doentinho, corria para o abrigo macio e carinhoso da saia de minha mãe, ás vezes, de uma tia ou de uma ama preta e amorosa. E nesses thronos guiadores e sinceros me considerava um reisinho que, ainda, não sonhava, somente indagava. E via a relva orvalhada e verde e os passaros sobre ella pulando e cantando e sem saber conservando, tudo isso, na prisão indelevel da minha inabandonavel e martyrizadora memoria.

Depois, para a escola, eu marchava da *ribeira*, galgando, em passinhos, a ladeira da *cidade alta*. Enroupado naquelle traje de marinheirinho involuntarioso e timido, defrontava-me com o mestre de cara fechada e braço alevantado na volupia da palmatoada. E o castigo, horrorizando-me fizéra-me estudioso. Por isso, nunca apanhei. Tremia, apenas, com o estalido successivo da madeira na epiderme alheia. Descobria, em seguida, no condiscipulo a sua palma esbraziada.

De volta daquella scena meritoria e, tambem, suppliciante, achava-me, um pouco satisfeito por me ladear o collega confidente de estudos e de brinquedos e esperava-me a tradicional e appetitosa merenda de cocadinhas e mãe-bentas. E essas gulodices attrahiam-me, sendo a sensação primordial daquelle tempo. Porque na puericia a animalidade da fome é a que mais se agarra ao organismo. E gravam-se para sempre, como si, a todo momento, a vóz do estomago estivesse a chamál-as. Nunca as olvidamos, mesmo na longevidade. E é assim que muitas vezes, um pequenino manjar faz transportar-mos, em intensas e saudosas minucias, á patria distante.

E eu ia, tambem, sentindo e crescendo, insensivelmente, e despreoccupado, a conduzir, dentro de mim, os pedaços amoisaicados do meu futuro edificio humano. E lá já avistava, para o ir completando, altendo, quadrangular e forte, em frente á minha imprecisa debilidade, o Atheneu. Para elle caminhei. Despertava-se-me a adolescencia, despertavam os sonhos. Porém, daquelles que, ainda, não teem a nitidez das côres. Arco-iris rebolantes e mudaveis sobre as cabeças dos que acordados somnobolizam.

De passos inconstantes, em terrenos ladeirentos, sob horizontes incertos eu penetrei já enfatiotado, livros confusos aos braços e acanhado, pela porta larga e central, em meio de uma algazarra em escala. Tanto de um torax hombreudo e alto, como de um medio e roliço ou de um minimo e fragil roncaram, aterrorizadores, os gritos e os piparotes sobre o novel bicho. Encolhi-me, debaixo daquella atordoadora e folgaza passarada, a um angulo da parede. Eu fôra o pomo, naquelle dia, das suas passadas reividicações. Descontaram em mim o mesmo que já haviam recebido de outros. Libertavam-me para o futuro, atormentando-me no presente. Mas, estranhando e desconhecendo taes direitos, preferi desistir. Todavia, não o fiz, no desalento do meu regresso ao lar, pelas palavras fortalecedoras e carinhosas da minha mãesinha e porque as energicas e resolutas de meu pae me automatizaram numa castigavel obediencia. Retrocedi. Outros nas vaias e nos trotes substituiram-me. E, assim, abriram-se, para mim, a tolerancia e as rodas. Os mestres já me encaravam, depois de eu os haver fitado tanto. Um delles nunca esquecerei.

Naquella physionomia que, não sendo nem risonha, nem séria, e em indecisão para um desses gés tos e de pelle, sempre, embalsamada, e furando-lhe a bôcca, da manhã á noite, charutos que pareciam o mesmo porque se me apresentavam em igual tamanho, encontrei o homem mais puro e melhor da minha juventude. O professor João Tiburcio. Bem me recordo da sua casinha; do seu quasi isolamento; das suas maneiras e do seu saber. Era um sabio, cuja sciencia ficára, somente, om seus alumnos, sem irradiar siquer, nos periodicos. Lembra-me um jardineiro, cioso das suas plantas, preparando os botões, aguardando o desabrochar das flores. E que estas e outras transmittissem o seu pólem, em perfeição de bondade e belleza. Elle não. Continuaria na sua mésse consagrada. Messias solitario de intelligencias nascentes.

* * *

E, então, já me encontrava quasi homem em meio de homens. Surgia-me, ansiosa, porém, subtil a puberdade. Novas palpitações, novos desejos. Fremitos, ainda impalpaveis, me rodeavam. Durante o dia eu os percebia e á noite rolavam me, na minha exuberante somnolencia, pelos valles, pelas alturas, pelos céos. Emfim, dentro de auroras eu morava.

(Continua no proximo numero)

Notas de Arte

O ANNO ARTISTICO. — Durante o anno de 1932 assistimos a 145 exhibições de arte, assim discriminadas: 12 recitaes de poesia — 8 de Berta Singerman, 2 de Margarida Lopes de Almeida, 1 de Anita de Cáceres, 1 de Nênê Barukel; 60 de musica, sendo: 21 de canto — 6 do Côro Madrigal de Hamburgo (Valerie Brohm-Voss, Rita Vormishacher, Emmy Nammesfahr, Puttbach, Marta Pohlmann-Tumber, Martin Erich, Johanes Koehler, Walter Summermeyer, Arthur Ram, Otto Stoterau), 3 de Alumnas da prof. Nicia Silva (Sylvia Sousa, Stella de Sá Rocha, Lais Wallace, Dyla Cruz, Henriqueta Vieira Ferreira, Aida Machado, Judith Paiva, Jacyra de Albuquerque Lima, Gilda Abreu, Zacharias do Rego Monteiro, Angelo Freitas), 2 de Maria de Lourdes Sá Earp, 1 de Marcel Klass, e 1 de cada uma das seguintes cantoras: Alicinha Ricardo, Elza Rodrigues, Helena Figner, Heloisa Mastrangioli, Henriqueta Mandim, Léa Azeredo, Lucia Marques, Luiza Lacerda, Roseta Costa Pinto (9); 25 de piano — 1 de alumnas da prof. Lucia Branco, 1 de Anna Gomide, 1 de Arnaldo Rebello, 3 de Arrau (Claudio), 1 de Dulce de Saules, 1 de Dyla Josetti, 2 de Freedmann (Ignacio), 1 de Maria das Mercês Calazans, 1 de Marina Quartin Moura, 1 de Maria Sylvia Pinto, 4 de Munz (Mieczyslaw), 1 de Nicia Boubaud, 3 de Orloff (Nicoláo), 1 de Ophelia Nascimento, 1 de Roberto Tavares, 1 de Sylvia de Figueiredo Mafra, 1 de Yolanda Ferreira; 2 de violino — 1 de Messodi Baruel 1 de Pery Machado; 1 de violoncello — o de Nicastro; 1 de harpa — o de Léa Bach, com o concurso das suas alumnas — Jacy Lobato, Zuleika Vieira, Lavinia Guimarães Natal, Anna Martins, Sonia Llobera, Regina Gomes, Nini Bittencourt, Aecacia Brasil — e da cantora Olga Mussulin; 1 de canto, piano e violoncello — o de Alicinha Ricardo, Vitalina Brasil e Iberê Gomes Grosso; 9 de violino, viola e violoncell, o *Quartetto de Londres* (John Penningten, Thomas Petre, William Rimrose e Warwick Evans); 37 concertos — 1 da Associação de Artistas Brasileiros (Olga Praguer, Arnaldo Rebello), 3 da Academia Brasileira de Musica (Chiaffitelli, Armand Gouvêa, Ary Ferreira, Roseta Costa Pinto, Carlos de Almeida, Nydia Soledade, Charley Lachmund, Luiza Lacerda, Moacyr Lisserra, Orlando Frederico, Enio Vincenzi), 1 da Academia de Arte no Brasil (Cecilia Rudge, Antonietta Fleury de Barros, Marietta Bezerra, Luiza Paranhos, Lucina Soeiro); 3 da Associação Brasileira de Musica (Maria Jacovino, Maria Carlota Goulart, Alfredo Henrique Garcia, Nydia Soledade, Egydio de Castro Silva, Cecilia Rudge, Walborg Bang Nepomuceno, Dulce de Saules, Antonietta Fleury de Barros, Ennio de Freitas Castro, Antão Soares, Nelson Cintra); 1 do Centro Artistico Musical (Herminia Roubaud, Carmen Braga,

— E que faziam os egypcios para conservar as mumias dessa maneira?
— Você é naturalista?
— Não; mas tenho uma fabrica de sardinhas em lata...

Yolanda Laport Machado); 3 do Instituto Nacional de Musica (Burle Marx, Else Ploss, Walter Sommermeyer, Ibêre Gomes Grosso, J. Octaviano, Frederico de Almeida, Heloysa Mastrangioli, Villa Lobos, Côro do Orfeão de Professores); 11 da Orchestra Philarmonica do Rio de Janeiro (Burle Marx, Carmen Gomes, Reis e Silva, Nicastro, Edgard Guerra, Romeu Ghipsmann, Tomas Terán, Marguerite Long, Sylvia de Figueiredo, Orloff Odile Kammerer, Antonietta de Souza, Walter Sommermeyer); 8 da Sociedade de Concertos Symphonicos (Francisco Braga, Oscar Borgerth, Antão Soares Pedro Gonçalves, Radamés Gnatalli, Lorenzo Fernandez, Newton Padua, Amalia Fernandez Conde, Dyla Josetti, Itala Cortez, Guinar Bandeira Stampa, Sylvio Vieira, Alexandre de Lucchi, Roberto Tavares); 1 da Pro-Arte (Luiza Lacerda, Edgard Guerra); 1 da União Artistica Litero-Musical (Newton de Padua, Isaac Feldmann, Alzira Ribeiro, Nênê Barukel); 1 do maestro Giannetti (para audição especial de *Chananá*, poema symphonico da sua talentosa discipula, a joven compositora brasileira, Lycia de Biase); 1 em commemoração da abertura dos cursos do I. N. M. (Olga Praguer, Wany Moreira Barbosa, Maria Rita Costa, Heloisa Marques Lima, Elisa Santos Carvalho, Abrão

Reproduz, o «clichê» acima, o «fac-simile» da capa do programma do chá-dançante que hoje á tarde se realiza nos salões do Botafogo Football Club, em beneficio da Policlinica de Botafogo, a benemerita instituição que tem como directores o professor Luiz Barbosa e os drs. Bento Ribeiro de Castro, Alfredo Nascimento (secretario) e Honorio de Araujo Maia (thesoureiro). Essa festa, cujo resultado reverterá em auxilio dos serviços internos da Policlinica de Botafogo, e da construcção de seu pavilhão interno, do gabinete dentario e da capella, terá uma parte artistica organizada, com bello programma, pela senhorita Nênê Baroukel. As orchestras do Grill-Room de Copacabana e Columbia animarão as danças, e, nos intervallos destas, serão sorteados brindes e distribuidos diplomas de benemerencia aos protectores da instituição que tantos serviços presta á pobreza de Botafogo. O desenho que ahi se vê é do joven artista Flavio Barbosa, sobrinho do presidente da Policlinica de Botafogo.

Smith, Leda Boisson, Edith de Almeida, Armando Pinheiro, Clelia Augusta Bacellar, Luiza Carvalho Muniz Freire, Eunice Reis Silva, Lucia Basilio); 1 de musica poloneza em commemoração do 141º anniversario da 1ª Constituição da Polonia (Francisco Braga, Léa Azeredo, Xenia Prochorowa); 1 symphonico do maestro Adriano Lualdi; 4 espectaculos choreographicos — 1 de Eros Volusia, 1 de Aimée Abraamova; 2 da Escola de Dança do Theatro Municipal (Maria Olenewa, Luiza Carbonel, Maria Carbonel, Magdalena Rosenzveng, Telma Windsor, Adalcina Avignon, Albertina Saikowska, Annita Giannini, Consuelo Martin, Clara Antunes, Dina Parone, Edwina Hargreaves, Flora Lutin, Germana Barbosa, Gertrudes Wolff, Helena Jakowa, Jussara Indaya, Lucilia Perrone, Lygia Fontenelle, Nair Josetti, Olga Marian, Sarita Magalhães, Wanda Ziotkowska, Zenilde Novaes, Waldemar Rodrigues, Durval, Americo Pereira Edsrard Sant'Anna, Roiz, Vicente de Paula, e outros cujos nomes não temos presente); 7 espectaculos dramaticos da Companhia Franceza Gaby Morlay-Delia Coll (Delia Coll, Gaby Morlay, André Terroy, Janine Leduc, Nutz Stane, Germaine Pioger, Jean Délucourt, Maurice Jacque-

(Cont. na pag. seguinte)

lin, Maurice Dorléac, Lucien Gadry, Marcus Bloch, Henry Darbrey); 10 espectaculos lyricos — 2 das Escolas de Canto do Theatro Municipal (Nice de Araujo Jorge, Alzira Ribeiro, Nanita Lutz, Nazinha Fernandez Lima, Sylvio Vieira, Alexandre de Lucchi, Ernesto de Marco, e outros cujos nomes não registramos), e 8 da Companhia Lyrica Santos Guerra Giovanni Sanzone (Carmen Gomes, Abigail Parecis, Gilda Colombo, Sofia Rafalovich, Reis e Silva, Asdrubal Lima, João Atão, Fernando do Santoro, Emilio Marangoni, Salvatore Perrota, etc); 5 festas de arte — 1 da Paz, 1 a favor do emprezario Sanzone, 1 na Legação da Polonia, 1 no Botafogo Foot-Ball Club 1, da menina Nancy Guizard; 8 exposições de artes plasticas — 5 de pintura: 1 de Fujita, 1 de Roberto Trompowsky, 1 de Manoel Santiago, 1 de Manoel Berthold, 1 de Sylvia Meyer; 2 de esculptura: 1 de Adriana Janacopulos e 1 de Margarida Lopes de Almeida; 1 de pintura e esculptura — o 4º Salão de Artistas Brasileiros: — 2 Conferencias do Prof. C. Lachmund — *Historia do piano* e *Lully*.

Todo esse movimento artistico registramol-o em 118 *notas de arte*, de que 117 publicadas em 45 numeros de *Fon-Fon* e 1 na ed. extraord. do *O Globo*, de 26 de dezembro ultimo.

Relendo-as e recordando os momentos emocionaes que ellas suggerem, destacamos o que mais nos impressionou, o que nos impressionou extraordinariamente, excepcionalmente, de tudo o que vimos e ouvimos durante as 145 exhibições de arte a que comparecemos.

Naturalmente não se trata de uma classificação de composições, mas de interpretações, nem tão pouco resulta a distincção do valor technico de cada interprete, mas simplesmente do effeito real causado á nossa sensibilidade. Com esse criterio assignalamos as maravilhosas interpretações de Berta Singermann vivendo com a sua arte nova, como creadora do que chamamos a *melopéa symphonica*, entre outros primores de primores, as poesias: *Marcha Triunfal*, *Las Campanas*, *Exaltacion de la Luz*, *Los motivos del lobo*, *Polirritmo de la mujer vegetal*, *Albo-*

A VIDA E' ASSIM...

A Vida, lá fóra, é calor, é movimento. Tudo se agita, desde os motores dos autos á acção dynamica da cidade que vibra.

Dia quente. Estio alegrado. O sol doura e requeima a alma da gente, é a impressão que se tem.

Dentro do coração e do espirito do povo que passa, a ambição predomina, a ansia de querer existe e o instincto palpita na intensa procura de alimento para viver.

Em cantos certos, em esquinas e lugares mais apropriados aos pallidos physicos e moraes.

fada de amor, *La cojita, El embargo, Las garzas, Nunca tuvo novio, Era un aire suave, Amor;* as creações não menos admiraveis de Margarida Lopes de Almeida recitando com a mesma perfeição os poemas francezes *Les fruits murs de la Paix* e *La Fille du Roi*, e os portuguezes *Musica dos bilros* e *Rosas;* a voz e a arte de Carmen Gomes attingindo a cimos só attingiveis por grandes figuras da scena lyrica, ao cantar o 3º acto da *Aida;* a maravilhosa expressão pianistica revelada por Friedman, executando com mastria sem par cinco *Estudos* de Chopin as insuperaveis audições do *Quartetto de Londres;* o empolgante recital — Liszt de Yolanda Ferreira; a perfeição vocal e artistica de Heloisa Mastrangioli cantando *Virgens Mortas* e *Anoitece;* as arrebatadoras, ultra-emocionantes execuções dos pianistas Dyla Josetti, Sylvio de Figueiredo e Nicolao Orloff, tocando respectivamente, o 2º *Concerto* de Saint-Saens, o de Xavier Scharwenka e o em si bemol menor de Tchaikowsky; a bellissima, estasiante interpretação pela orchestra da S. C. S. sob a regencia de Fr. Braga, do *Andante Cantabile*, da 9ª Symphonia de Beethoven; o quadro a Zeuzis ou Apeles, de Dimitri Ismalowich — *A Cortina* e a esculptura dynamica de Margarida Lopes de Almeida — *Alegria*.

Registremos ainda, sob outro aspecto, como dignas de nota especial: as 4 audições da 9ª Syhphonia de Beethoven: 2 pela orchestra *Philarmonica* e 2 pela *Symphonica*, graças aos esforços coordenadores dos respectivos regentes — Burle Marx e Francisco Braga e a bôa vontade e o talento de todos os que cooperaram para a realização do bello emprehendimento; e os 3 espectaculos das Escolas de canto e dança do Theatro Municipal, dirigidas pelos profs. Salvatore Roberti, Sylvio Piergilli e Maria Olenewa, e ainda os da Comp. Lyrica Santos Guerra-Sansone que todos mostraram o Brasil já possuir bellos elementos para a formação do Theatro Lyrico Brasileiro, alguns podendo até figurar em elencos de 1ª ordem, como Carmen Gomes e Reis e Silva.

OSCAR D'ALVA

De Decio Barreto

Lá estão elles, sempre, pedindo, implorando.

A agitação dynamica absorve inteiramente a fraqueza moral dos vencidos.

Desloca-se o sentimento para conjugar-se com a vida de artificialismo, onde a exterioridade localizou as suas fontes de vitalidade ficticia, apparente.

E' nas fórmas esculpturaes de um corpo de mulher que a humanidade gasta encontra o motivo, o ideal concreto, materializado, nas fórmas que se deformam, se acabam, estiolam e morrem.

O carinho foi banido do coração humano.

A animalidade é um poema de sensibilidade e de affecto.

Lá fóra, a Vida turbilhava.

O sol esconde-se, entra nuvem.

A metropole cosmopolita estúa, palpita e vibra.

A ansia instinctiva de viver mais um pouco tinham os sentimentos de affectividade e de amor. E a Vida, hoje, é assim...

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 1

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 7 de Janeiro de 1933

DEVE E HAVER

Quarenta e poucos annos, (os "poucos" ficam no tinteiro) uma filha casada, ainda garôta, e um parsinho de netos, que não conheço, a chamarem-me de longe, com suas mãosinhas inquietas e seus olhitos travessos para a *festa* das suas caricias innocentes...

"Papaesinho querido, mesmo casada e mãe de filhos hei de ser sempre para ti a tua filhinha pequenina..."

Minha filha! Como ella sente e como sabe que vive, ainda, pequenina como seus filhos, no coração de seu pae!

Meus olhos marejam-se e, velados de saudade, descem enternecidamente sobre um leito pequenino de creança... E, no mundo de mysterio e de silencio de meu coração, fala a Shehrazade das Mil e Uma Noites da minha Saudade a contar historias da carochinha com que adormecer minha filhinha...

Faz tantos annos, isso...

Balanceio a minha vida, neste fim de anno, neste ultimo dia de dezembro de 1932.

Um sorriso amargo aflora-me aos labios. Amargo? Só amargo? Não. Porque, de vez em vez, a suave caricia das azas da saudade espalha em redor de mim o doce conforto de algumas recordações.

E a vida, a trama toda da Vida, é trabalhada no fio imponderavel e subtil das recordações que a condicionam e lhe dão expressão, alma, movimento e rythmo emocional.

Deve e *Haver*... Como expressão econômica, que tristeza o livro Caixa da minha vida! Uma negação de todos os esforços empenhados no sentido de equilibrar a receita e a despesa do seu restricto orçamento meio bohemio, meio domestico...

E' *gozada*, porém, esta gaita sempre a desafinar, e, como desgraça de muitos é consolo de todos, sorrio beatificamente, resignadamente, quasi feliz na minha pobreza material, tão rica, tão prodigamente rica em *notas* de sonho e fantasia.

Physicamente, ou na sua feição physiologica, como elemento de vigor, de saúde, de *entrain* funccional... nada mal, no anno que finda, esta pobre vida que me faz lembrar os regatos vagabundos e intermittentes da minha terra distante, a correrem e a cantarem conforme a vontade dos céos...

Ainda assim são tão felizes, ás vezes, tão felizes, abraçando e acariciando, com seus beijos frescos de faunos amorosos e humildes, o seio ardente e fecundo da terra morena, commovida de volupia.

E, no emtanto, nas columnas do Deve e do Haver da Caixa da minha Vida, lá estão, distribuidas em titulos rubricados a oiro de lei, as duas maiores expressões affectivas de meu coração: *Minha Mãe... Minha Filha*...

— Só? E eu, então, onde fico eu, se já não ha mais logar no teu ingrato coração?

— Ah! querida, estavas ahi?

— Como sempre, ao teu lado, solicita e carinhosa.

— Tens razão. Perdôa-me.

— Esqueceste-me.

— Não. Deixei-te apenas para o fim.

— Para o ultimo logar... Por que?

— Porque tu, e sempre tu, é que fechas o balanço da minha vida, todo fim de anno.

— Com deficit?

— Não: com saldo...

— Com saldo?...

— Sim e grande...

— Saldo de que, emfim?

— De illusão e de soffrimento, de esperança e de desespero, de duvida e de fé, de alegria e de amargura...

— Duvida, fé... Esperança e desespero... Illusão e soffrimento... Alegria e amargura... Que sou eu, então, na tua vida?

— A mulher amada... *L'Adorée*...

— A adorada! Como dizes isto! E achas-me, assim, tão má?

— Não, minha querida... E's apenas... mulher. A mulher que se quer, que se ama, que se fez sangue do nosso sangue, alma da nossa alma e coração do nosso coração...

— "Vampiro", talvez?

— E qual a mulher que não é um pouco "vampiro"?

— Bandido!

— Querida!

— Beija-me...

— Adoro-te!

* * *

Meia noite. Não tive tempo de fechar o livro Caixa da minha vida...

A cidade maravilhosa alvoroça-se. Bimbalham os sinos das igrejas. Estrugem morteiros. Grasnam alto-falantes. Cigarreiam as sirenes e sibilam os apitos das locomotivas, das fabricas, dos navios ancorados na bahia.

Anno Novo! Alviçaras! Alviçaras!

Concentro-me, no recolhimento de mim mesmo e, numa attitude de prece, não sei bem si sorri para o Anno que surgia se chorei com o que se ia...

Talvez chorasse, talvez...

ELCIAS LOPES

O NATAL DA CREANÇA POBRE

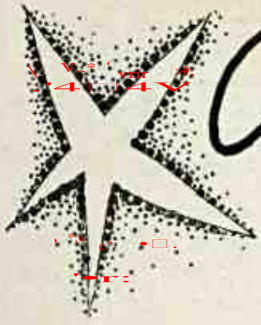
"Papae Noel, quem será?"
Diz comsigo a pobrezinha,
Todo dia a imaginar...
E a mãe esfarrapadinha
Tambem não sabe explicar.

Ouve dizer que é um velho
De barba comprida e branca
Todo envolvido num véo...
Que traz bombons, traz brinquedos,
Para encher os sapatinhos
De toda creança branca
Que móra no arranha-céo!

E a creança desolada
Pergunta á mãe, tristemente,
— Por que o Papae Noel
Não é amigo da gente?!
E mais tristonha se fica
Ao ver que o Papae Noel
Só gosta de gente rica...
E olhando nús, os pézinhos,
comprehendeu, de repente,
Que não tinha sapatinhos
Para enchêl-os de presentes.

E as creanças do seu bairro
Si calçam, alguns, afinal,
São tão velhos, tão rasgados,
Tão sujos e esburacados
Que não podiam guardar
Um só bombom de Natal.

Mas, o Menino Jesus
Lá no céo já separou
Uns sapatinhos de prata
Que a lua foi quem fiou
E encheu de estrellas de ouro
Para o filhinho do pobre
Que na terra não ganhou...

Palmyra Wanderley

Analogia

A unica differença sensivel que ha entre as estrellas e as mulheres, é que estas são eternamente inconstantes; as outras...

Não importa o nome que tenham as estrellas formosas e longinquas. Sirius? Venus? Marte?

O que é certo é que ellas nos fascinam do alto. Do alto, ou reflectidas sobre a face espelhante dos lagos, como as creaturas amadas, cujas imagens ficam adormecidas no fundo das nossas retinas amorosas.

Ha mulheres que passam em nossa vida como as estrellas cadentes. Dellas o que fica, muitas vezes, não é mais que o risco de fogo de uma paixão absorvente — que não morre. Passam e fogem, fugaces, pela noite erma e estrellada. Ninguem se apercebe dessa passagem, nem dessa fuga veloz. Mas, aquelles que amam sabem que, lá no fundo, do coração inquieto, ficou o sulco inflammado a incendiál-o, a comburil-o, a fazêl-o arder e chammejar.

Ha outras que se apagam para o nosso amor. São como as estrellas extinctas — as que morreram, dentro da grande noite sideral. No emtanto, o seu fulgor, durante muito tempo, fica a illuminar-nos a vida, com a belleza de um sonho fracassado ou que nunca se ha de realizar.

Estrellas...

Mulheres...

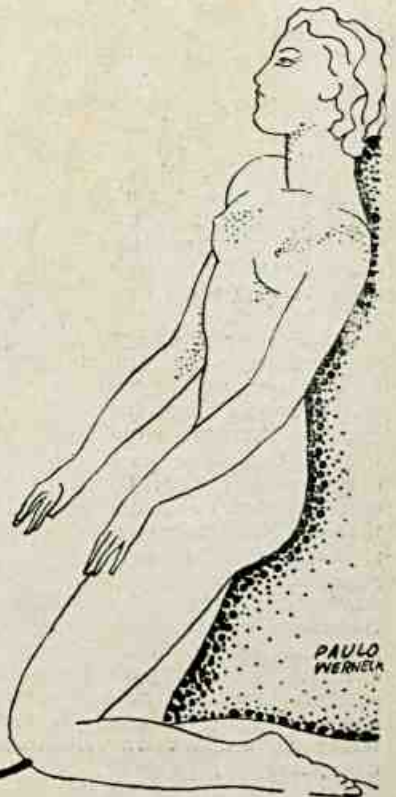
Não é em vão que a idéa de uma anda sempre associada á de outra.

Quando se diz: "Em amor, eu tenho tido uma bôa estrella", é o mesmo que se assegurar: "Eu tenho sempre amado bellas mulheres..."

No caso, "a bôa estrella" é uma simples figura de rhetorica. E' a mulher. E' a creatura adorada. Aquella que, para nós, é como a estrella dos Reis Magos. Do mesmo modo, ha "a má estrella", que é a que nos ennegreceu a vida de desares, de revezes, de mágoas, enchendo-a de amargores e de injustiças que dóem como punhaladas profundas ou amargam como a cicuta de Sócrates.

E' verdade que ha certas damas que são como estrellinhas de papel. Essas estrellinhas douradas ou côr de prata, que se vêem tremular no céo banal dos presepios de Natal.

Mas, ha as que são como estrellas de primeira grandeza. A nós, se nos afiguram difficeis e inaccessiveis como as que polvilham a faixa da via-lactea ou luzem, distantes e formosas, como a bella estrella polar.

E é por isso que, ás vezes, a saudade de uma mulher que se amou, com delirio e ternura, dá a mesma impressão que se tem, quando se olha muito uma estrella bonita e, depois, se cérra os olhos, numa especie de *rêverie*: o olhar da imaginação continúa a vêr a mulher amada que se perdeu para sempre...

Bastos Portela

Estrada de Damasco

N E N E N

O céo illuminado de teus olhos azues, minha irmã, desce sobre mim numa suavidade de caricia. E como são ingenuos e como são puros teus olhos azues, teus olhos de céo!

Revejo-te pequenina, cabecinha loira de espiga amadurecida, a cirandar tua infancia despreoccupada e feliz ao redor de teus irmãos, tambem pequeninos e felizes.

Eu, Antonietta, Jayme, e tu, a mais pequenina da farandola infantil, garrula e festiva. Todos tão amigos, tão unidos, tão contentes de ser irmãos uns dos outros, filhos queridos de um papae e de uma mãesinha que nos idolatravam!

Nada perturbava a nossa felicidade, a nossa paz, a nossa camaradagem de irmãos que se comprehendiam e se amavam.

O sol de oiro do nosso Ceará abençoava, todos os dias, a festa do nosso mutuo carinho. E as mãos generosas e amigas de nossos paesinhos tremulavam de caricias sobre as nossas cabecinhas trefegas e innocentes.

Um dia, porem, sobre a nossa meninice descuidada e álacre, desceu a sombra de uma dor immensa, turvando o céo sempre limpido e azul da nossa felicidade. Os olhos verdes de Antonieta—a irmãzinha querida em torno de quem, para bem dizer, gyravam os nossos corações fraternaes — cerravam-se ao sonho transitorio e ficticio da vida para se abrirem, mais illuminados e mais verdes, talvez, ao sonho eterno da morte.

Soffremos tanto a sua ausencia! Soffremos tanto o seu desapparecimento do nosso convivio feliz, aos treze annos, apenas!

Mas, através do nosso amor e da nossa saudade, ella continuou a viver dentro dos nossos corações, guiando-nos na estrada longa da vida, que ficámos a palmilhar, e que seus olhos verdes, lá do céo, illuminavam de esperança.

E foi assim que ella se fez o refugio da nossa consolação, como intercessora das preces, de todas as preces que elevamos a Deus nos nossos momentos de soffrimento e de provações.

A vida, que nos uniu, um dia, um dia tambem nos separou. Sob as bençãos e o amparo de nossos paesinhos fizemo-nos adultos, casámos, constituimos, tambem, o nosso lar. Mas, sempre amigos, sempre unidos, viviamos um na lembrança, no coração do outro, embora separados, embora distantes.

Fizeste-te mãe e, mãe, esgotaste o calix da tua amargura, ainda ha pouco, perdendo o unico filho de tuas entranhas. Senti que morrerias tambem. Alguma coisa dizia-me, baixinho, que teus lindos olhos azues, como os olhos verdes de Antonietta, breve tambem se cerrariam para a vida.

E, ainda hontem, pensei tanto em ti! Ainda hontem, pela voz da minha saudade angustiada, conversei tanto comtigo e com nossa mãe velhinha, tão velhinha, coitada, e tão só!

Evoquei, uma a uma, as linhas de tua ultima carta. Tua carta de despedida. "Não esqueças mamãe; auxilia-a sempre. Ella está tão velhinha e tão só"...

Minha irmã, que hoje já não vives, que te foste unir á nossa irmãzinha, ao nosso pae, ao teu filhinho!

O céo azul de teus olhos desce sobre mim velado de crêpe.

Recordo-te. Como foste bôa, como foste digna como soubeste ser esposa e ser mãe!

Sobre ti, Nenen querida, sobre teu corpo inerte, despetállo, orvalhadas pelas lagrimas da minha saudade e da minha dor, todas as rosas azues da minha vida de creança, de quando eramos todos innocentes e pequeninos!

E, lá do céo, onde estás, protege e ampara sempre, como sempre o fizeste em vida, o irmão que tanto te quiz, que tanto te amou!

ELCIAS

Aracy de Lima Coutinho e Luiza de Lacerda Coutinho, duas artistas festejadas dos nossos salões, acabam de realizar, na cidade fluminense de Campos, alguns recitaes que constituiram novos e brilhantes triumphos para sua gloria de virtuose. Aracy de Lima Coutinho é pianista e Luiza de Lacerda Coutinho, a joven cantora cuja voz tem recebido os mais expressivos applausos nesta capital, onde é grande o circulo de relações de ambas.

O Fluminense Football Club festejou a passagem do anno com o tradicional «reveillon» que offerece, a 31 de dezembro, á elegante sociedade que frequenta os seus salões. Foi uma reunião digna do prestigio da grande associação sportivo-mundana.

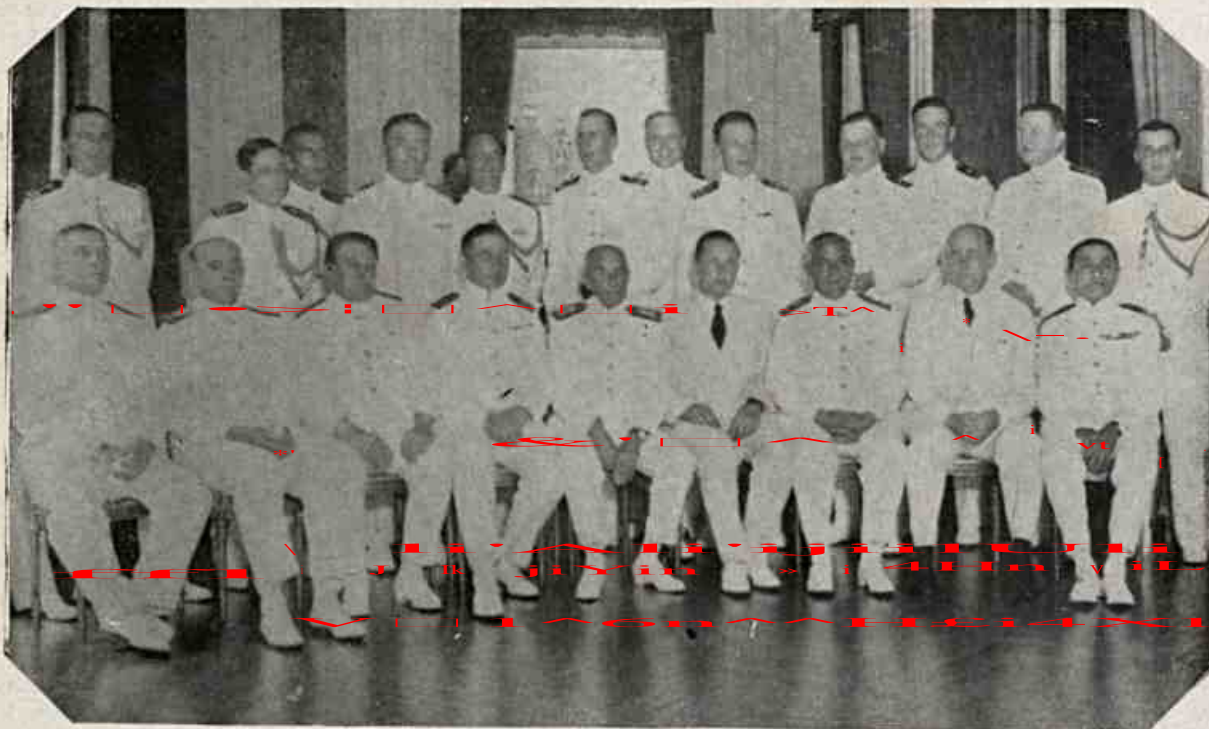
O COZINHEIRO DE MUSSOLINI

Actualmente, o trabalho mais facil de toda a Italia é preparar a comida destinada a Mussolini. Se o Rei é simples e modesto quanto á mesa, o Duce é tão sobrio que se contenta com leite, legumes e fructas maduras ou cozidas.

Pela manhã, não toma café, mas uma chicara de leite e fructas da estação. Gosta de massas, porem sem môlho. E' rara a carne nas suas refeições.

Os vinhos e licores são inteiramente banidos. Assim, diz elle que se mantem vigoroso e activo.

O cozinheiro de Mussolini é um homem feliz...

Tambem o Botafogo Football Club recebeu festivamente o novo anno, organizando, para isso, um «reveillon» que decorreu cheio dessa alegria rutilante que é a nota caracteristica das festas do alvi-negro. A séde do Botafogo F. C. estava numa das suas grandes noites, com uma sociedade requintada movimentando os salões do palacio colonial da avenida Wenceslau Braz.

O commandante e officiaes do navio-escola finlandez «Suomen Joutsen», que durante alguns dias esteve fundeado na Guanabára, em visita de cortezia ao Brasil, receberam, nesta capital, entre outras homenagens, o almoço que lhes offereceu, sexta-feira penultima, no Club Naval, o ministro da Marinha, almirante Protogenes Guimarães, e no qual tomaram parte, tambem, os representantes diplomaticos e consulares da Finlandia acreditados junto ao governo brasileiro.

ASYLO DE MILLIONARIOS

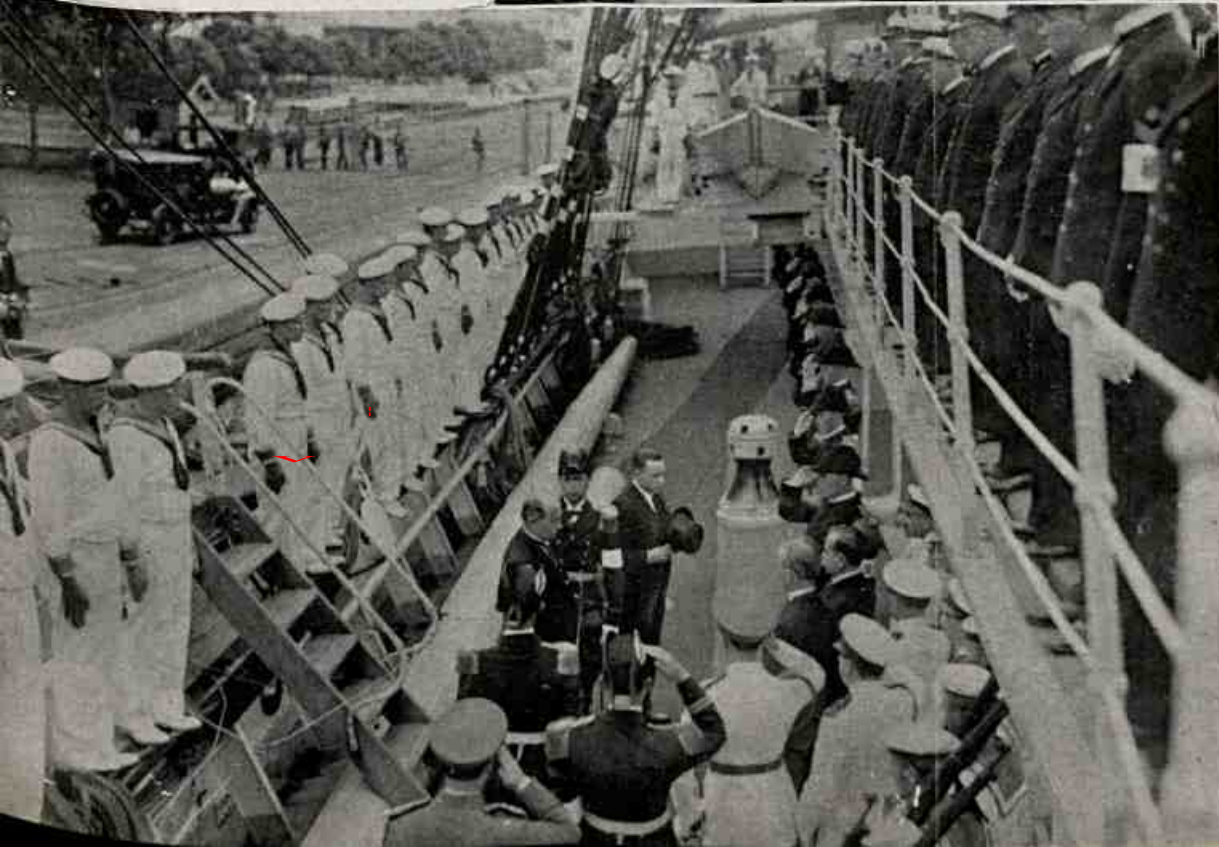
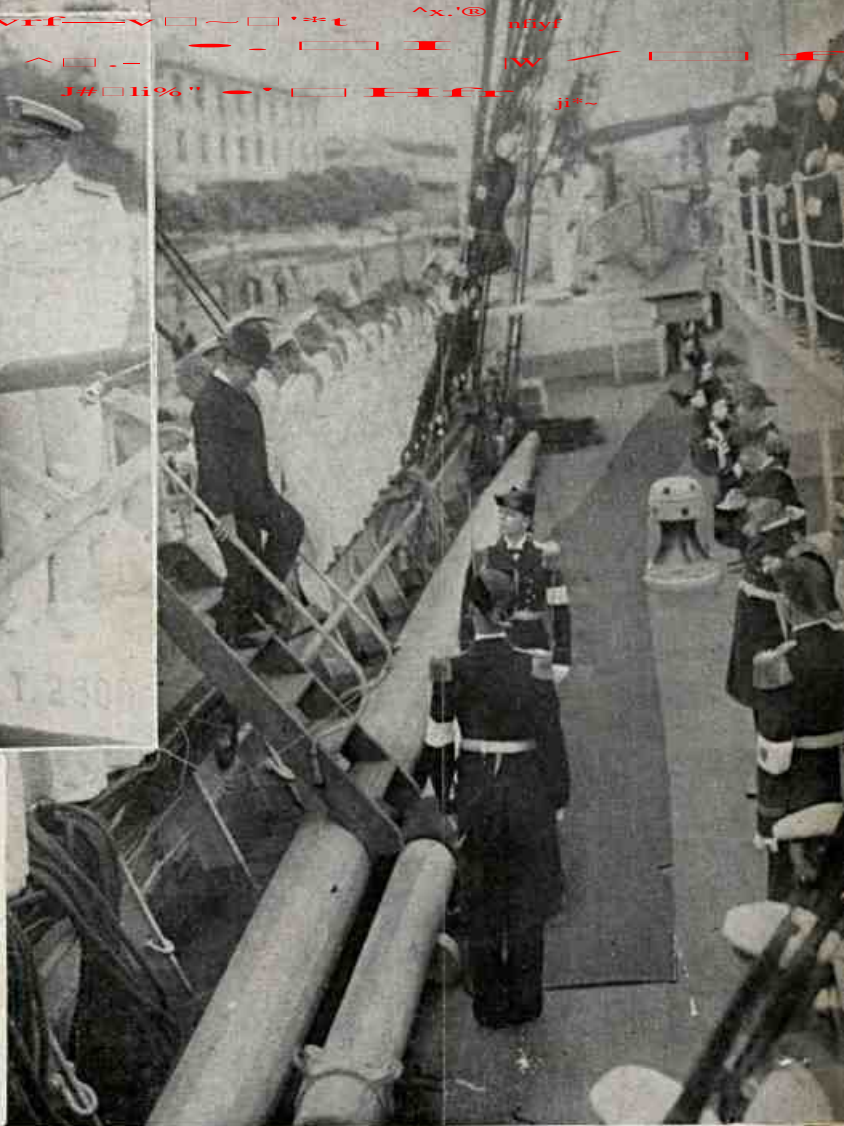
Em S. Francisco da California acaba de inaugurar-se um edificio symbolico para os nossos dias. E' o Asylo de Millionarios Arruinados, que, logo no dia de sua abertura, recebeu 300 pensionistas, todos millionarios até o crack de 1929, que os deixou a pão e laranja. Teriam ficado reduzidos á mendicancia se um collega não tivesse tido a idéa desse Asylo.

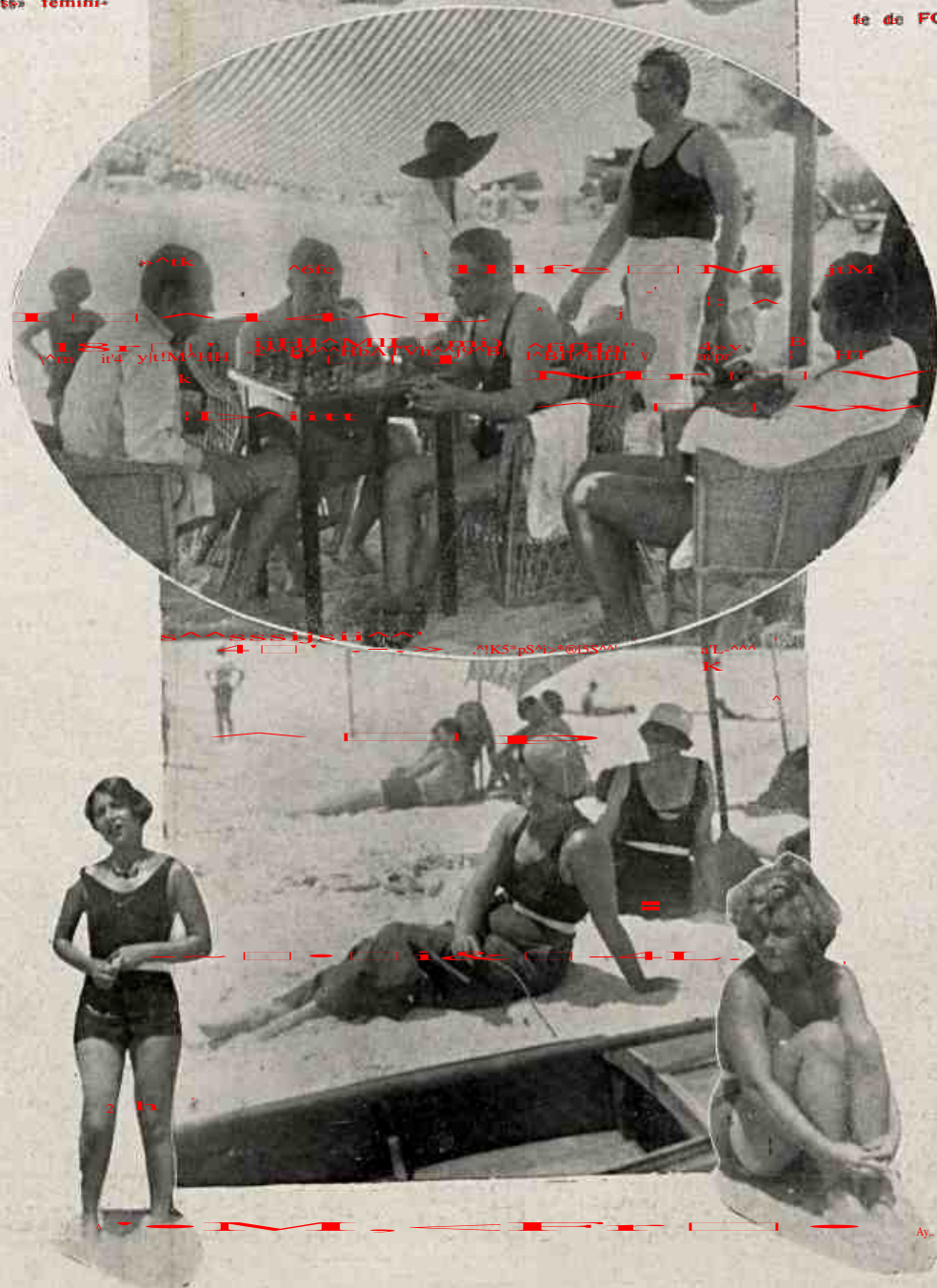
Esse bemfeitor é o millionario de Pittsburg, Brixton, que doou cinco milhões para que os antigos potentados das finanças desfructem até o fim da vida um lar sem luxo, mas confortavel e decente.

A obra de Brixton foi muito elogiada, porém como todas as coisas humanas tem seu defeito e é o da existencia dum escriptorio de informações da Bolsa, no qual os millionarios passam o tempo em apostas miseravelmente ridiculas...

O vicio ainda da especulação que os elevou e abaixou...

Os bachareis da turma de 1922 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro commemoraram festivamente, na penultima quarta-feira, 28 de dezembro, o primeiro decennio de formatura, fazendo celebrar, na igreja de S. Francisco de Paula, missa solemne, em acção de graças, e reunindo-se, depois, em cordial almoço, que se realizou no salão da Confeitaria Paschoal, sob a presidencia do conde de Affonso Celso. O «cliché» acima focaliza um grupo dos bachareis de 1922 em companhia do conde de Affonso Celso, após a missa da igreja de S. Francisco de Paula.

O chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, visitou, sabbado ultimo, em companhia dos ministros das Relações Exteriores e da Marinha e dos officiaes de sua casa militar, o navio-escola finlandez «Suomen Joutsen», «Cysne Branco» pelo respectivo commandante, capitão de fragata J. Koukola, e pelo encarregado de negocios da Finlandia, com as honras da praxe diplomatica. Toda a guarnição do navio formou para prestar continencia ao chefe do governo, que, depois de percorrer as diversas dependencias do «Cysne Branco», tomou a bordo uma taça de champagne offerecida pelo commandante Koukola.

EM COPACABANA, A' BEIRA MAR...

As praias são, indiscutivelmente, o refrigerio melhor para os dias de canicula. Não só porque nos dão o consolo do mar e da brisa marinha, mas ainda porque nos encantam os olhos e agradam pelo ambiente que ali se fórma: os «maillots» femininos, os sorrisos das mulheres bellas, o convivio elegante, finalmente. Um indice de tudo isso é a nossa gravura, onde, aliás, se vê, de gorro militar, ao centro, jogando xadrez, o dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia de Letras, director do Museu Historico Nacional e redactor-chefe de FON-FON.

A linda festa de cordialidade com que os amigos e admiradores do nosso querido companheiro, dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON, celebraram a sua recente reintegração no cargo de director do Museu Historico Nacional, si foi impressiva e «raffinée», como homenagem ao homem de letras, foi, tambem, requintadamente fidalga, como expressão de coração. O banquete do Beira-Mar Casino, a 29 de dezembro ultimo, em homenagem ao notavel escriptor e illustre presidente da Academia Brasileira de Letras, foi, realmente, uma encantadora festa de espirito e de coração, de que participaram as figuras mais representativas dos nossos circulos literarios, scientificos, artisticos, bem como do mundo official e do corpo diplomatico. Dois discursos apenas: o de Adelmar Tavares — offerecendo o banquete, em nome dos presentes — um discurso delicado, tocante, commovedor na sua expressiva singeleza, e o do homenageado, tambem estylizado no oiro imponderavel das emoções, evocando ambos impressões e reminiscencias estratificadas nas suas almas e nos seus corações de velhos amigos.

. . .

As gravuras desta pagina fixam um grupo dos convivas do almoço a Gustavo Barroso e a cabeceira da mesa, vendo-se o redactor-chefe de FON-FON ladeado pelo dr. Afranio de Mello Franco, ministro das Relações Exteriores, e pelo capitão João Alberto, chefe de policia do Districto Federal.

Rendas de espuma

IDÉAS A ESMO

Ha muitos modos de uma mulher fazer um homem comprehender que o não ama, ou que já o não ama.

Ha palavras especiaes para o caso. Exemplo: "sim" com a significação de "não"; e "não" com a significação que este adverbio deve ter. "Talvez" é outra palavra negativa. "Impossivel" é a negação definitiva e formal.

Quando uma mulher ama e deseja apenas torturar a paciencia de um homem, ella diz, simplesmente: "Não quero!" Mas quando ella quer afastal-o de si, como quem foge a uma creatura importuna, indesejavel, empréga, frequentemente, o vocabulo "impossivel".

Eis porque Musset faz notar: "La femme qui veut réellement refuser se contente de dire: Non."

Ha casos em que as palavras nada dizem. Nada exprimem ou exprimem pouco.

E' quando, então, ellas começam a falar mais pelos gestos do que verbalmente.

O gesto da mulher que palestra ou se explica com um homem, distrahidamente, olhando para outro, é mais eloquente do que todas as suas negativas tremendas.

E' como si ella dissesse, friamente: "Não, não, tres vezes não..."

Yves

Celima Gloria, a galante filhinha do nosso brilhante confrade do «Jornal do Brasil», dr. Annibal Martins Alonso, e de sua exma. esposa, d. Aida Tavolara Alonso, fez, no dia 8 de dezembro ultimo, a sua primeira communhão, e foi, por isso, muito cumprimentada, recebendo lindos presentes dos muitos amigos de seus papás, que gostam da intelligente princezinha da bondade e da ternura.

A arma mais cruel que uma mulher póde esgrimir contra um homem é, evidentemente, a piedade.

A crueldade póde não ser amor; mas é algo como odio e amor, ao mesmo tempo. Quem fére ama. Quem se apieda, mostra apenas que, pelo amor, é de todo indifferente á pessôa que lhe inspira piedade.

A piedade feminina fére pela clemencia do olhar, pela ternura do sorriso, pela inflexão da voz, de accento langue e compassivo.

Por isso, eu prefiro sempre que o olhar de uma mulher dardeje, sobre o meu, as chispas do odio mais violento, do que as lirandúras piedosas que acalentam. Que ella me sorria. Está visto. Mas nunca, docemente, com esta phrase apoucante: "Coitado! Elle é tão bomzinho!..." E si, a sua voz, não me diz coisas comburentes, inflammadas de bem-querer e volupia, é preferivel, em casos taes, que me diga, sem vacillações: "Bandido! Homem nefando! Ignobil!"

"Pobresinho?" Ah! Que offensa! Jamais admittiria essa affronta!

Jamais!

Maria Eugenia e Elza, filhinhas queridas do distincto casal Oscar Lugarinho-d. Helena de Tomasi Lugarinho, acabam de fazer a sua primeira communhão, para alegria de seus paes e de todos os que lhes querem bem. Foi um dia de festa na casa de Maria Eugenia e Elza o do feliz acontecimento que collocou mais perto de Jesus as duas interessantes meninas.

Foi num ambiente de esplendor e alegria que transcorreu a noite de Anno Bom nos salões do Tijuca Tennis Club, sumptuosa e esquisitamente decorados para a grande festa em homenagem a 1933. Organizado com capricho pela directoria que tem á frente a capacidade administrativa e intellectual do dr. Heitor Beltrão, o «reveillon» de 31 de dezembro, no Tijuca Tennis Club, alcançou o mais brilhante successo mundano, porque reuniu os elementos de maior destaque na «élite» tijucana.

IMPROVISAÇÃO... — Everett, o grande orador norte-americano, em um de seus magnificos discursos, ao tomar um copo de agua, derramou-o. Então, começou a falar da agua, pomposamente, contando seu poder e utilidade, sua belleza e sua grandeza. Ao perorar, alguns amigos felicitaram-no:

— Que lindos tropos você improvisou!

— Improvisei nada!... Ha mais dum mez andava á procura duma occasião de soltal-os em qualquer discurso. Felizmente entornei a agua...

O Club de Regatas Guanabara recepcionou o novo anno com um animado baile, que se revestiu de grande brilho mundano.

A moda nas praias

Creações Jean Patou

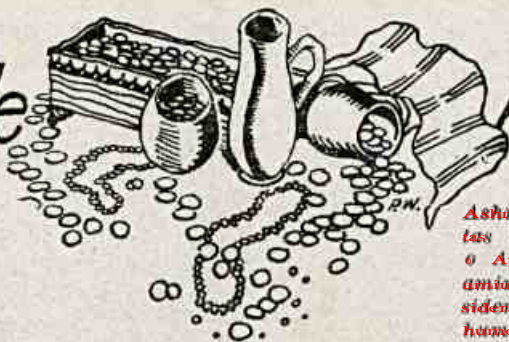
Pyjamas de plage. En jersey de laine de couleurs havane et paille. En toile de soie rouge et blanc.

Costumes … en jersey … A' gauche … rayé rouge … rine. A' … blanc et …

Costume de bain en jersey blanc rayé rouge et marine.

Pyjama de plage en jersey de laine blanc. Agréments orange et brun.

…graphias da Casa Jean Patou, especiaes para FON-FON.

Caverna de Ali Babá

Acaba de concluir o curso de pharmacia na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro o nosso patricio Manoel Moreira dos Santos, que collou grão na solennidade realizada em dezembro ultimo, na Escola da praia Vermelha.

A DYMNASTIA KRUPP

A morte de Margarida Krupp, viuva de Frederico Alberto Krupp, o derradeiro rei dos canhões, evoca a historia duma dymnastia de grandes industriaes allemães. O primeiro Frederico Krupp ha pouco mais dum seculo era um simples fundidor. Como inventor, tinha pouca sorte. Descobrira, segundo affirmava, um processo de fundir aço, que devia dar maravilhosos resultados para a fabricação de canhões. Infelizmente não tinha dinheiro e por isso se debateu na miseria, morrendo aos quarenta annos e deixando ao filho por unica herança o seu segredo.

Esse segredo valia uma fortuna! Alfredo Krupp, o filho, tinha, então, somente 14 annos. Não obstante, pôz-se a trabalhar continuando a idéa paterna. Começou com dois operarios. E, quando se declarou a Grande Guerra, em 1914, seus estabelecimentos contavam 50 mil empregados.

Pouco a pouco se desenvolveu a officina humilde. Em 1848 é que começou sua importancia. Aperfeiçoando as descobertas paternas, Alfredo Krupp chegou a fundir blocos de aço de mais duma tonelada. De anno a anno augmentou o tamanho e peso desses blocos. Em 1861, já expunha em Londres um conjuncto de 40 mil kilos. A fabrica tomou impulso. Em 1862 contava 2 mil operarios. O governo prussiano começou a estimulál-a com encommendas.

E' curioso, entretanto, registrar que foi a França quem a levou ao maior exito. Krupp enviou a Paris durante a Exposição Universal de 1867 um bloco de aço de 50 mil kilos, o que lhe trouxe por parte do governo francez os mais decididos applausos.

A galante paraense Yolanda Maranhão, netinha do nosso illustre confrade Paulo Maranhão, director da «Folha do Norte», e de sua exma. esposa, d. Antonica Maranhão.

BOM HUMOR BRITANNICO

Uma bella estatua que representa Apollo e coróa a escadaria de entrada do Ashmoleau Museum, em Oxford, appareceu ha umas semanas curiosamente modificada. A' cabeça uma cartola lustrosa, inclinada capadocialmente sobre a orelha esquerda. Longa barba branca cobria o peito do deus pagão. E uma faixa vermelha cortava-lhe o tronco a tiracolo.

Quando os transeuntes que passavam deante do Museu se deram conta daquelle aspecto novo de Apollo foram se ajuntando e commentando o facto. Dentro em pouco havia alli grande multidão que interrompia o transito.

Então, alguns empregados do Museu subiram no pedestal da estatua e começaram a despojál-a de seus adornos humoristicos. O povo applaudia-os. O director do Ashmoleau declarou aos jornalistas que essas brincadeiras com o Apollo em questão se repetem amiudadas vezes e que elle as considera como manifestações do bom humor britannico...

CURIOSIDADES

Segundo o professor Togami, os japonezes descendem de duas raças: Idsumsco e Yamatos. Os primeiros procedem da Asia Menor atravès do Turkestan. Os segundos devem ter vindo da Malasia.

No continente americano se falam 1.624 linguas e dialectos, que representam 47 % das 3.420 linguas e dialectos do mundo.

O maior numero de pontos alcançados por um campeão de bilhar foi o do inglez Tom Reece, que conseguiu carambolar seguidamente 499.135 vezes. Levou um mez, jogando 4 horas por dia para chegar a esse resultado.

O calendario Inca, descoberto em Tiahuanaco, no Perú, divide o anno em 12 mezes de 30 dias, em semanas de cinco dias.

O sangue do rhinoceronte é um dos remedios mais poderosos para certas doenças, na opinião dos medicos chinezes.

SÉSAMO

O nosso antigo confrade de imprensa Raul Floriano, que acaba de se formar em direito pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, está exercendo a sua nova profissão nesta capital, onde installou escriptorio de advocacia. O dr. Raul Floriano, que residiu, durante muito tempo, em Barbacena, foi, ali, director do «Jornal de Barbacena» e correspondente de varios jornaes cariocas e paulistas. Exerceu, tambem, o magisterio secundario, como professor do Gymnasio Official de Minas Geraes, ainda naquella cidade mineira.

A assembléa inaugural do Instituto Pan-Americano de Geographia e Historia realizou-se na noite de 27 de dezembro, nesta capital, cidade escolhida, em 1929, na assembléa preliminar do Mexico, para installação official do mesmo Instituto. Depois dos trabalhos preliminares realizados na séde do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, foi solennemente installada, no salão de conferencias do Itamaraty, sob a presidencia do ministro das Relações Exteriores, a assembléa inaugural do Instituto Pan-Americano de Geographia e Historia. Esta pagina de FON - FON mostra, no alto, aspectos das reuniões preliminares realizadas no Instituto Historico, e, em baixo, a installação da grande assembléa pan-americana.

Em signal de reconhecimento pelos bons serviços prestados ao Serviço de Saúde do Exercito, durante os ultimos acontecimentos, pelo Hospital Complementar installado na Fundação Gaffrée-Guinle, o governo provisorio mandou doar, a essa benemerita instituição, todo o material medico-cirurgico para alli enviado no alludido periodo. Nossas gravuras fixam os aspectos da cerimonia dessa doação, vendo-se entre os presentes, o general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra; o general dr. Álvaro Tourinho, director de Saúde do Exercito; o dr. Guilherme Guinle, medicos, officiaes e outras pessôas gradas.

Os engenheiros architectos da turma que concluiu o curso em 1932, na Escola Nacional de Bellas Artes, realizaram sabbado ultimo, 31 de dezembro, a sua festa de formatura, que constou de uma solemne missa, celebrada no Convento de Santo Antonio, e da ceremonia da collação de grão, levada a effeito no salão nobre daquelle estabelecimento, sob a presidencia do reitor da Universidade do Rio de Janeiro, professor Fernando de Magalhães, e com a presença de autoridades, artistas e muitas familias.

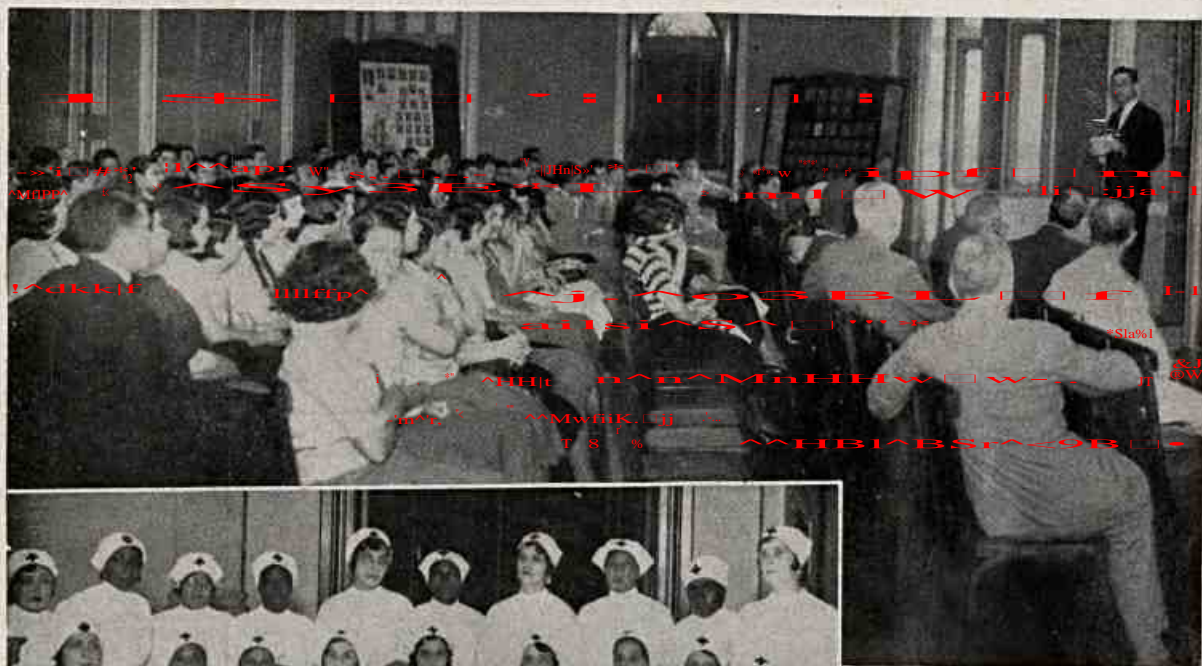
Maria Sabina, a querida poetisa e declamadora patricia, organizou e dirigiu, na penultima terça-feira, no salão do Movimento Artistico Brasileiro — Studio Nicolas — mais uma das suas encantadoras festas de grande arte, em que tomaram parte varias alumnas do curso de declamação «Olavo Bilac», de que é directora a festejada «diseuse». Para essa demonstração artistica Maria Sabina organizou caprichoso e interessante programma, interpretando ella propria alguns numeros. Suas alumnas, intelligentes, bem orientadas, interpretaram com galhardia os numeros que lhes foram distribuidos, chamando a attenção pela sua vivacidade, segurança de dicção e harmonia de gestos e attitude, a graciosa garotinha Maria José Pimentel (2.º anno), Theresinha Penna (1.º anno) e outras. A gravura acima focaliza um aspecto desse magnifico festival artistico.

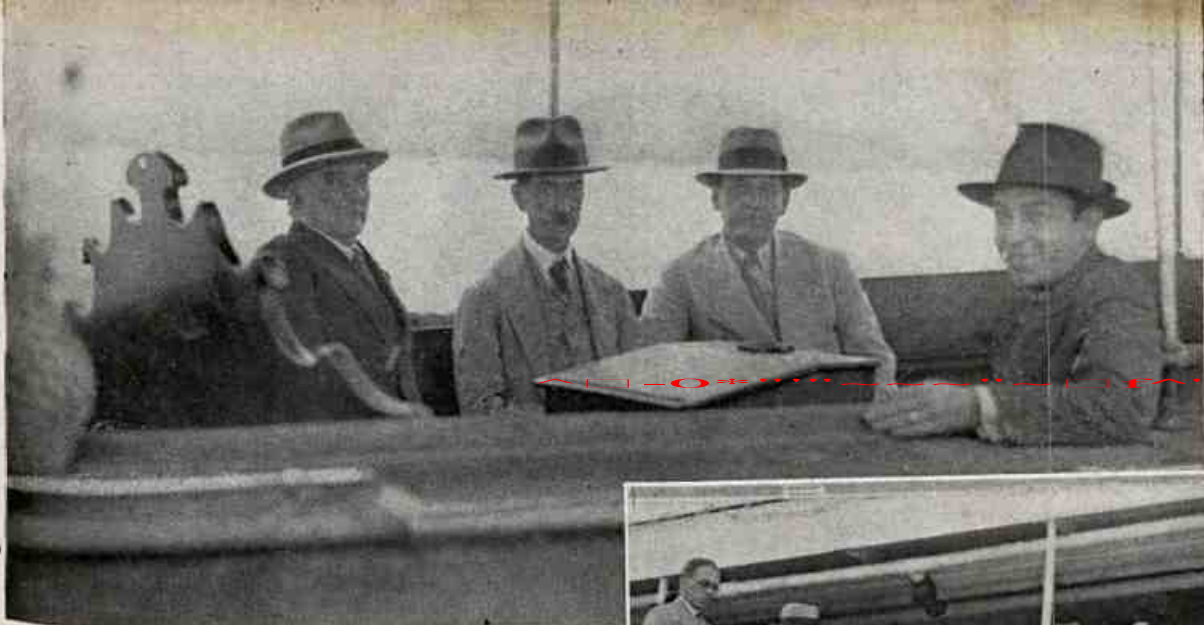
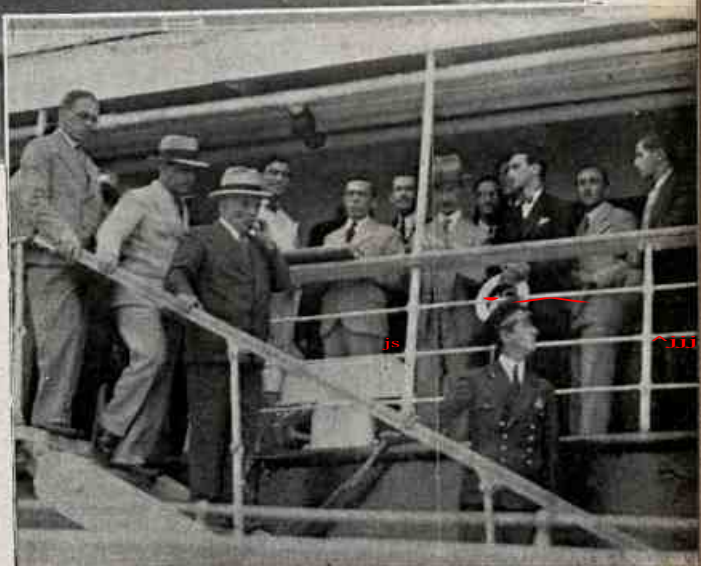
JOUBERT DE CARVALHO, o brilhante compositor patricio, que é o autor festejado de centenas de trabalhos musicaes onde palpita uma harmoniosa sensibilidade de artista, vae dar, ainda este mez, a sua nova canção — Ha nos teus olhos... um luar... cujos lindos versos publicamos aqui antes de serem conhecidos do publico. Será mais um dos grandes successos de Joubert de Carvalho, a juntar-se a C'est toi l'amour e N'aimez que moi (versos de Maria Eugenia Celso), Maringá, Eu tinha um beijo para sua bôcca, Coisinha bôa, melhor que ha no mundo... e Foi você mesmo... (canções de Carnaval).

Ha nos teus olhos... um luar...

E', um sorriso em tua bôcca,
Um desejo, um amôr que não póde,
Mas quer se occultar,
Porque um raio illumina
Todo esse amôr que se vae cantar:

Ha nos teus olhos... um luar,
Cheio de luz e nostalgia,
A revelar-me na vida
Um clarão de alegria.
E' si a luz desse luar
E' toda minha inspiração,
Dá-me os teus olhos... por esta canção.

JOUBERT DE CARVALHO

Aspecto tomado no auditorium da séde do Instituto La-Fayette, durante a conferencia alli realizada pelo academico de medicina Nelson Garcia Nogueira, ex alumno daquelle conceituado instituto de ensino, o qual, discorrendo sobre «Dante e sua obra», foi muito applaudido.

As alumnas da Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto que concluiram o curso em 1932, e que collaram grão na solennidade realizada na noite de 28 de dezembro ultimo, no salão nobre do Lyceu de Artes e Officios.

A bordo do «Commandante Ripper», viajou para Recife, acompanhado de sua exma. familia, o dr. Borges de Medeiros, antigo presidente do Rio Grande do Sul, que, por motivos de ordem politica, se achava, ha mezes, detido na ilha do Rijo. O nosso «cliché» fixa dois aspectos do embarque do conhecido chefe politico riograndense do sul, que se vê na lancha que o conduziu para o «Commandante Ripper», ladeado do general Andrade Neves e do capitão Dulcidio Cardoso, e já a bordo daquelle vapor do Lloyd.

Os pintores Edson Motta, Candida Gusmão Cerqueira, J. Rescala, Braulio Polava, J. Magno e Bustamante Sá organizaram, sob o patrocinio de Paschoal Carlos Magno, que com elles apparece no «cliché» acima, a «Exposição dos Seis», cuja inauguração se realizou a 3 do corrente, terça-feira ultima, no Studio de Eros Volusia, á rua São José, 87, e que estará aberta ao publico até o proximo dia 13.

Enlace da senhorita Boadicea Williams com o sr. Henrique de Mello Vianna.

O pessoal das Lojas General Electric S. A. festejou a victoria do concurso de vendas de refrigeradores com uma elegante «soirée»-dançante, de que offerecemos um aspecto na gravura acima.

A Fabrica de Calçados Polar acaba de inaugurar, á avenida Passos, 34, uma nova secção para venda do afamado artigo de sua especialidade, a exemplo do que vêm fazendo as «Lojas de Calçado Polar» já existentes nesta capital. E' um aspecto do acto inaugural da nova «Loja de Calçado Polar» o que focaliza o nosso «cliché».

As meninas Laís e Helena, filhas do dr. Cyrino Filho, medico residente nesta capital, foram a Apparecida do Norte, Estado de São Paulo, especialmente fazer a sua primeira communhão. No grupo ao lado, tomado naquella cidade paulista, apparecem as neo-commungantes em companhia de seus paes e parentes.

FON-FON no cinema

ENTRE DUAS AGUAS

(The Devil and the Deep)

Da PARAMOUNT

com Tallulah Bankhead e Gary Cooper

NÃO se póde dizer que Diana Sturm fôsse infeliz com o seu estranho marido. Casando por conveniencia de familia, Diana, a despeito do genio esquisito do esposo, que a accusava de uma e muitas faltas, acostumára-se com o homem que soubera, com generosos favores, conquistar o coração do seu pae para obter o consentimento de lhe casar com a filha.

Era um marido autoritario

Commandante de uma base de submarinos numa possessão ingleza da Africa do Norte, o marido de Diana cercava-a de todo o conforto, de todo o carinho, principalmente estando em publico; mas, na realidade, era um homem victima dos mais diabolicos ciumes da esposa. Ao suspeitar, por exemplo, que um dos seus officiaes — o tenente Jackel — tinha relações amorosas com ella, promptamente obteve que o rapaz fôsse transferido daquelle posto naval como incompetente.

Diana, fôsse qual fôsse o sentimento que tivesse com o tenente Jackel, ao ter conhecimento dessa injusta acção, procurou interferir em favor do official, o que mais ainda a incriminou deante do tresloucado esposo.

Tal é o estado de excitação em que se acha o capitão Sturm que, naquella noite, ao voltarem do club, não lhe respondendo a mulher a todas as perguntas, ameaça de matal-a, indo para ella de punhos cerrados, olhos cheios de raiva, quasi louco de ciumes. Diana, meio aturdida, foge para a rua, e á procura de ar, de calma para o seu espirito, vae andando ao acaso. Sem notar, mette-se pelo bairro dos mouros, onde ha uma grande festa popular, e ahi, cercada pela turba que dança e canta, capta a sympathia de um rapaz estrangeiro, com quem sae a passear pelos arredores até de madrugada, quando regressa a casa. O marido, já mais calmo, pergunta-lhe onde tinha estado e onde tinha obtido esse perfume barato, de que vinha incensada — pois o rapaz desconhecido, de facto, offerecêra a Diana um vidrinho de extracto, comprado num bazar, e ao abril-o, entornára a essencia no vestido della, offerecendo-lhe o moço o seu lenço para que se limpasse.

No dia seguinte, recebe o commandante Sturm a visita do tenente Sempter, que vinha apresentar-se para a vaga deixada pela retirada do tenente Jackel. Em um dado momento, ao descer Diana, o commandante apresenta-lhe o joven tenente, e este, agora, reconhece na esposa do seu superior a mesma mulher, estranhamente bella, com quem passeára na noite anterior no bairro árabe da cidade. Diana, por seu turno, fica perplexa deante do rapaz, cuja identidade ella desconhecia. As suspeitas do marido, que vê pela attitude de ambos que elles já se conheciam, mais se affirmam quando Sempter tira o lenço para se enxugar e enche a sala do mesmo perfume que Sturm notára na esposa ao voltar do seu passeio nocturno.

Num jantar, que Sturm offerece ao seu joven tenente, apresenta-se o árabe dono do bazar onde Sempter comprára o perfume, e simulando querer vender tapetes aponta o rapaz como seu freguez... O tenente desculpa-se, que nunca comprára nada a esse homem, pois acabava de chegar, sem conhecer ninguém...

— Ah, mas o tenente parece ter encontrado logo a quem fazer presentes... observou-lhe o commandante Sturm.

Ao retirar-se o official afim de ir para bordo do submarino de seu commando, preparar os planos das manobras navaes, Diana consegue que o marido lhe confesse ter peitado o árabe, por causa do perfume, a vir ali dizer que conhecia Sempter,

Não poude resistir aquelle amor

Situação comprometedora

— confissão que Sturm faz com um sorriso de satanica astucia nos labios, jurando vingar-se do seu subalterno não por transferencia, como fizera com Jackel, mas de maneira mil vezes mais original.

E como Diana quizesse saber o que elle tramava:

— Si eu t'o revelasse, perderia a novidade o meu plano... — resdonde lhe Sturm com perversa chispa de vingança nos olhos.

Tendo o marido sahido para bordo, Diana, temendo pela segurança de Sempter, corre por uma rua transversal e vae ter ao submarino de commando afim de o avisar de que o esposo desconfia delles e arma uma vingança contra ambos. Está a mulher na camara de commando, a falar com o tenente, quando o marido chega e, avisado pela sentinella de que sua esposa está a bordo, manda largar ferro, e depois desce a se encontrar com os dois amantes, porque Diana, de facto, já havia confessado a sua paixão pelo tenente.

— Que é isto!? exclama Diana. Estamos em marcha!

Antes que Sempter tenha tempo para se certificar do occorrido nas machinas, Sturm apresenta-se no quadro da porta:

— Fui eu quem deu ordens para nos pôr em marcha..., — retruca sorrindo.

E, ao cabo de um instante, ordena ao tenente:

— Tenente Sempter, mande preparar os estanques para immersão.

Ainda que admirado daquella resolução, o tenente dá ordens e em pouco, com o proprio commandante Sturm ao periscopio, navega o barco a dez metros de profundidade.

Na sua sanha de vingança, Sturm faz que o submarino rume na direcção de um grande paquete que se aproxima. Quando o submersivel está á curta distancia do navio, Sturm chamma o tenente:

— Sempter, tome conta do periscopio...

Mal colloca o rapaz o olho no oculo e o que vê adeante é o costado do paquete e sem tempo para manobrar, dá-se a colisão tremenda, atirando todos pelo solo do submarino, que afunda até assentar no fundo mar.

Sturm, sem perder a calma e satisfeito pela realização do seu plano, suspende o tenente por incapaz no cumprimento do serviço, e começa a dar fingidas ordens ao radio-telegra-

Naquelle sorriso acendiam a maldade dos seus planos

phista para que transmitta um pedido de soccorro.

Emquanto isto, porém, o mesmo Sturm vae e occultamente corta os arames do apparelho do radio, para que o exterior não tenha sciencia de nada e morram todos para a diabolica satisfação da sua loucura.

Diana, que não o perde de vista, espia-o a cortar os cabos do radio, e dando disso noticia á tripulação, levantam-se os homens contra o commandante.

Sempter, está visto, toma a si o commando dos rebelados e começam os trabalhos de salvamento. Diana é a primeira a munir-se do seu "respirador" artificial e subir pelo cabo da boia de salvação.

A seguir, sobem os homens; só o capitão Sturm, agora completamente louco, prefere morrer ás gargalhadas, fechado num compartimento que a agua mais tarde invade.

O conselho de guerra a que responde o tenente Sempter dá-lhe absolvição, mediante o testemunho de Diana e dos homens da tripulação. Ao joven tenente aquelle desastre premeditado pela loucura de Sturm dera novas forças para viver e amar a mulher, que lhe rehabilitara o nome.

Tinha de comprir as ordens

VIDA NOVA

Uma producção da R.K.O.

Direcção de:
Fred Niblo.

Interpretação de:
Richard Dix, Jackie Cooper (o garoto de Skippy). Marion Shilling, Frank Sheridan e Boris Karloff

O coração dum bandido tambem pode ter bom sentimento

JIM DONOVAN, chefe de uma quadrilha de "bas-fond" de Nova-York, torna-se guardião de Midge Murray, um garoto de sete annos, cujo irmão fôra assassinado a tiros no momento em que procurava proteger Donovan.

Midge é uma creaturinha incorrigivel e assim Donovan procura ouvir os conselhos do padre Dan a respeito de sua situação. O padre envia a sua filha Kitty á casa de Jimmy para cuidar do pequeno. Tanto Midge como Jim se tornam devotados amigos de Kitty. Jim começa, então, a comprehender a sua vida desregrada de bandido.

Tudo corre bem até que Duryea, commissario de juizo de menores, faz que Midge seja posto na escola correccional. Jim fica enfurecido e jura vingar-se.

Kitty, entretanto, conserva-o no caminho do bem. Os dois são vistos frequentemente, especialmente quando Kitty transporta grande somma de dinheiro do banco em que está trabalhando. Jimmy, involuntariamente, é o guarda da moça nessas occasiões.

Um dia, Jim visita Midge na escola correccional. Nessa mesma hora, Kitty é assaltada no seu caminho para o banco. Kitty e Jimmy são presos por suspeitas. Jim, comprehendendo que seria accusado, tendo em vista o seu passado, foge da prisão, encontra os verdadeiros ladrões, mantem com elles uma lucta de morte e se apodera do dinheiro roubado.

Bastante ferido, arrasta-se até a policia, faz a entrega do dinheiro e perde os sentidos. Mandam chamar Midge. O pequeno e Kitty velam Jimmy, mas quando a moça diz que o ama, elle vê resolvido o problema de sua vida: — O amôr e a companhia do garotinho que tanto estima.

* * *

Felizes

A SINCERIDADE E' O SEGREDO DO EXITO

Jamais procure imitar outra pessôa. Seja sempre o mesmo. Este é o conselho que se deveria dar a todos os jovens que principiam a carreira cinematographica, declara Charles Brabin, o famoso director.

"Jamais se deve procurar imitar os gestos de outros. Não dá resultado.

"Algumas pessôas habeis podem, com grande esperteza, imitar alguem com exito, por certo tempo... mas isso não dura

O pequeno estava zangado com o seu amigo

muito. Um dia ou outro, commettem algum engano e então perdem a linha. Não se póde fingir todo o tempo, como todos devem saber. Algum dia, chegamos ao resultado de nos estarmos enganando a nós mesmos.

"Com que fim se toma uma personalidade differente? E' demasiado incommodo. E a que leva isto? A nada, absolutamente. Cada um é como é. Continúe sendo sempre o mesmo, e faça o melhor que puder, ainda que pareça que não chega ao que deseja. Deste modo não lhe advem nem metade do fracasso que resultaria si se tratasse de alterar as coisas, procurando agradar a si proprio.

"Muitas pessôas começam a sua carreira com verdadeira inclinação artistica e, em pouco tempo, se afanam tanto por imitar os outros, que se perdem a si proprios e perdem tambem a sua capacidade artistica. Por fim, estes nem os demais sabem o que são, nem o que pretendem ser.

"Por exemplo, quando nos encontramos numa sala cheia de gente, rindo e conversando com naturalidade, acontece que, de repente, todo o mundo parece pôr uma mascara á entrada duma pessôa importante. Sem duvida que isto tem acontecido com todos. O peor é que aquella mascara não engana a ninguem, mas sim a quem a põe. Tudo o que se ganha é se sentir mal, tanto o recem-chegado como os demais.

"A naturalidade é uma das poucas qualidades humanas realmente importantes. Todo o mundo a aprecia. E' fundamental.

"No cinema se tem provado esta asserção. Creio que o éxito dos films está baseado no quadro das pessôas naturaes vivendo numa atmosphera natural. O publico não supporta mais os dramas apaixonados, exaggerados, extravagantes dos theatros de outrora. Caçôa de tudo isto, actualmente. Os actores mais eminentes de hoje em dia são aquelles que falam e actúam com mais naturalidade.

"Quando somos jovens, julgamos que é algo muito differente representar um papel, como, por exemplo, o de imitar alguem. Jamais pensamos que pretender imitar outros é simplesmente ridiculo.

"Quando se chega á minha idade e com tantas experiencias, se comprehenderá que um dos melhores elogios que nos podem fazer é nos dizer: "Você é sempre o mesmo, sempre natural."

Recompensa duma grande amizade

CAIXA DE SURPREZAS

* * *

UM "CONTROLE" DA HONESTIDADE — Um chauffeur de taxi de Bruxellas teve o bom humor de organizar em seu carro um curioso processo para "controlar" e avaliar a honestidade das pessôas a quem servia.

O philosopho-automobilista adquiriu, para tanto, um magnifico par de sapatos que, cuidadosamente embrulhado, depositou no assento interior do auto, como se se tratasse de um objecto esquecido de um cliente.

Pelo espelho, na frente, começou, então, o chauffeur a observar e estudar os manejos e attitudes dos passageiros que tomava, divertindo-se a valer. Quasi todos estes, ao entrar no carro, olhavam immediatamente para o embrulho, apalpavam-no e o deixavam no seu logar. Mas, na sua maioria, não conseguiam vencer a tentação e abriam o embrulho para ver o seu conteúdo.

Ao terminar a corrida, o indiscreto chauffeur arranjava novamente o embrulho, toda vez que o cliente não se mostrava tão honrado como deveria ser...

E foi este o resultado das "observações" do philosopho-automobilista: de 31 clientes 17 tentaram carregar com os sapatos alheios; 11 o advertiram de que algum passageiro esquecêra o embrulho no carro e 3 nada disseram, nem tocaram no pacote.

DESAFIO AO SCEPTICISMO

Não me assustas, ó monstro legendario,
Quando extendes a garra sobre o mundo,
Nem quando brilha a cólera no fundo
Do teu olhar sangrento e temerario.

Tu bem podes soprar o halito immundo
D'esse vil appetite sanguinario,
Pois não penetrarás o meu sacrario
Com todo o teu desejo furibundo.

Para a tua loucura nada basta,
Mas nunca foste um deus; tu és bastardo,
Filho espurio da terra, não tens casta.

Alcança-me, si podes, com teu dardo!
Vem bater a minh'alma, iconoclasta,
E derrubar os idolos que guardo!

MENANDRO WHATELY

Dos 17 "tentados", 13 desculparam-se, lamentando a sua "distracção", julgando fosse seu o tal embrulho, mas os quatro restantes sentiram-se offendidos por verem posta em duvida a sua honestidade, pois apenas queriam entregar ao verdadeiro dono um embrulho que não pertencia ao chauffeur. E foi preciso que este tomasse á força, violentamente, o par de sapatos.

* * *

CURIOSA CLASSIFICAÇÃO — Um jornalista norte americano estudou, durante muito tempo, a impressão que a noticia de um roubo produz na opinião publica e o juizo que faz a imprensa deste delicto. E achou que, por este processo, se poderia fazer uma vardadeira classificação dos ladrões.

Segundo o referido jornalista, se um roubo passa de 200 mil dollares, seu autor é admirado pelo publico que não trepidaria em lhe tirar o chapeu como a qualquer pessôa honesta.

Se o furto é de uns cem mil dollares, seu autor é classificado como "homem habil"; se não vae a 50 mil, diz-se que commetteu o roubo em um momento de loucura; se a quantia roubada é, porém, inferior a 5 mil dollares então, no caso, se trata de "um abuso de confiança."

Amorim Netto — ILHA MALDITA — Dists. Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 5$

"FERNANDO DE NORONHA!

"Basta pronunciar este nome... Ha, nesse ermo em que mora a dor, uma lepra moral corroendo os organismos sãos de centenas de homens uteis ao trabalho.

"Fernando de Noronha...

"Em vez de uma escola de regeneração moral é, pelo contrario, um antro que vicia e que só serve para aviltar, para denegrir o caracter, para corromper e fazer desesperar."

Eis a ilha maldita que Amorim Netto viu com a curiosidade de jornalista intelligente, numa rapida excursão de tres dias.

A miseria, a dôr humana bastaram, entretanto, para o autor colher os elementos necessarios para o seu livro. Nada escapou ao espirito agudo de Amorim Netto, de maneira que nós ficamos com o conhecimento perfeito de todos os recantos da ilha maldita. Os capitulos são syntheticos, vivos, impressionantes. As photographias do volume são expressivas.

O prefacio de Carlos Sussekind de Mendonça, magnifico.

Xavier de Oliveira — O EXERCITO E O SERTÃO — Ed. A. Coelho Branco F.º — Rio — 6$

NESTA obra, o autor encara varios problemas do Brasil, dignos da attenção dos que se propõem a salvar o paiz, como é de uso se dizer. Agitando alguns assumptos de real interesse para a nacionalidade, o sr. Xavier de Oliveira, com este livro, tem o intuito de concorrer para o movimento de renovação deste canto verde e amarello da terra.

Embora não concordando com o autor, em alguns dos seus pontos de vistas, reconhecemos a utilidade do trabalho, escripto com intelligencia e observação apreciavel.

E', pelo menos, um livro de sadio patriotismo, merecendo, por isso, a nossa sympathia.

Huguette Garnier — QUANDO ERAMOS DOIS — Comp. Editora Nacional S. Paulo — 1932 — 3$

UM romance interessante, de suave leitura, da nova *Bibliotheca das Moças*. A traducção, primorosa, é de Ribeiro Couto, o festejado escriptor de *Cabocla*.

Afonso Schmidt — PIRAPORA — Edições Unitas — S. Paulo — 4$

CONHECI Afonso Schmidt na phase primeira da minha formação literaria. Quando entrei para *O Commercio de S. Paulo*, ali o encontrei rabiscando, deante de uma tosca mesa de pinho. Uma creança loira, muito myope, singularmente sympathica!

Foi facil a nossa aproximação. Elle era o autor de um soneto, *Janellas abertas*, uma das joias da nossa lingua, que andava na bôcca da mocidade do meu doce torrão natal. Eu era um bohemio de espirito, enamorado do Bello, que suppunha poder viver da penna de jornalista, neste vasto paiz de 40 milhões de almas do outro mundo... O jornal da rua Direita, da Paulicéa, apagou muito sonho da nossa tenra idade. A vida fez cada um de nós bifurcar por estradas differentes.

O poeta tornou-se um rebelado deante da miseria humana. Surgiu nelle o prosador impressionante de *Os impunes*.

Agora, Schmidt publica este volume, onde estão reunidas cinco novellas primorosas, quer pelo realismo da acção, quer pela segurança da linguagem que o consagra como um dos nossos maiores escriptores da actualidade. Paginas de intensa vivacidade, movimentadas, cheias de piedade... O autor inspira-se nos quadros da vida, nos dramas das ruas, e ironiza tudo o que é digno de lastima...

E quando voltamos a derradeira pagina, ha em nosso coração tambem uma revolta, o clamor de justiça para os que soffrem.

Um livro forte, magnifico, verdadeiro, preciso nas suas tintas escarlates. Um livro que desabrocha saudades do meu S. Paulo distante e cada vez mais amado, onde quizéra dormir o ultimo somno, tranquillo!

John Golden — O SETIMO CÉO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 3$

O nosso publico já conhece a obra de John Golden, através do cinema. Agora poderá ler o romance que apparece na *Bibliotheca das Moças*.

Eugenio de Figueiredo — SCHERZOS E SYMPHONIAS — Rio — 1932

AUTOR de alguns trabalhos de theatro, o sr. Eugenio de Figueiredo escreveu e illustrou este livro de versos. As gravuras são bonitas, e dos versos, sentimos não poder dizer a mesma coisa.

Elynor Glyn — SEU UNICO AMOR — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 3$

REVELANDO a sua grande capacidade de producção, a Editora Nacional acaba de lançar uma collecção de livros para moças, obedecendo a um criterio de rigorosa selecção. E' um esforço digno de louvores, pois, além de ser magnifico o aspecto material da edição, o preço do volume é realmente accessivel a todas as bolsas.

Henrique Roxo — DYSPEPSIAS NERVOSAS — Ed. Flores & Mano — Rio — 1932 — 3$

O acatado professor Henrique Roxo é o autor do quinto volume da *Bibliotheca de cultura medico-psychologica*, publicada sob a orientação de Neves Manta.

Este trabalho constitúe uma notavel contribuição para o estudo da dyspepsia nervosa e seu tratamento, estando mesmo ao alcance da comprehensão de qualquer pessôa, tal a clareza de linguagem e o methodo de exposição do illustre professor.

Cap. Alves Bastos — PALMO A PALMO — Dists. Civilização Brasileira Editora — 1932 — 7$

MAIS um livro sobre a revolução de julho. Este, da autoria de um militar, trata de preferencia do problema technico da luta travada no sector Sul. São paginas escriptas com enthusiasmo, seguidas de graphicos que indicam o desenvolvimento das operações militares naquelle sector, onde o autor teve a chefia do estado maior das tropas revolucionarias.

Cuia K. Long — CORAÇÕES FELIZES — Liv. Glob — Porto Alegre — 1932 — 5$

TRATA-SE de um livro contendo ensinamentos moraes e religiosos, um livro de mulher para mulheres... Afinal, nenhuma novidade para os corações felizes.

A autora é um espirito simples, tão simples que por vezes resvala pela ingenuidade, fazendo-nos sorrir.

Alexandre Dumas — O CONDE DE MONTE CHRISTO — S. I. P. — São Paulo — 1932 — 2$

A obra celebre de Alexandre Dumas apparece em dois volumes da *Collecção Economica*, por baixo preço, constituindo o facto um verdadeiro *record* dos editores nacionaes.

Ponson du Terrail — O CAVALLEIRO NEGRO — S. I. P. — São Paulo — 1932 — 2$

MAIS um volume da victoriosa *Collecção Economica*, que veiu revolucionar o mercado de livros divulgando as melhores obras literarias, ao alcance de todas as bolsas.

Renato Jardim — A AVENTURA DE OUTUBRO E A INVASÃO DE S. PAULO — Civilização Brasileira Editora — 1932 — 8$

ESTE livro alcançou a sua terceira edição! O facto merece registo, pois se trata de um phenomeno raro no mercado de livros nacionaes.

MORA DE NORELLES (Capital) — V. ex. me envia os seus trabalhos, e me pede lhes dê o destino que merecem.

Ora, o destino que merecem é serem publicados no "Saibam todos..."

Desculpe si lhe não dou logar de mais destaque fica para outra vez...

Lá vae o soneto "Meu ciume". Sem duvida, ao lêl-o, o seu predilecto dirá: "Mas, que assombro que é a minha querida Móra!"

MEU CIUME

MORA DE MORELLES

O ciume é para mim como um Deus omnipotente,
Um genio bemfazejo, um ser temido e idolatrado;
Sem elle nada me comprehende, nada me sente
Nem mesmo as pulsações de um coração amado.

Elle me era um sentimento inda obscuro,
Quando aos quinze annos pela primeira vez amei,
Um amor incomprehendido, mas um amor puro;
Feito de ciume, de idolatria e que não mais olvidarei.

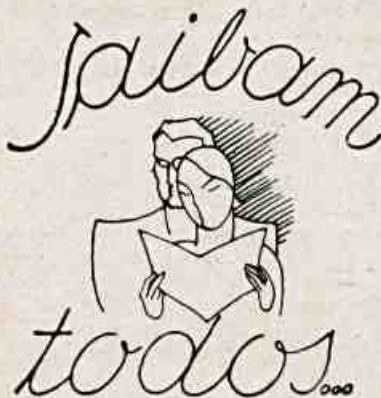
Cultivei-o então como u'a planta rara,
Reguei-o com lagrimas de um coração descrente,
De u'a alma ferida que só o tempo sara...

Mas hoje já minorada a minha grande dôr,
Bemquerendo ao ciume, posso dizer contente:
— "Elle é o fructo de meu primeiro amor!..."

O outro, que se intitula — "O amor e a nossa vida" — fica para o anno...

CY (S. Paulo) — Hum! O sr. é cabalistico. Não sei o que quer dizer com a sua missiva. Em todo caso, póde ser que alguem a decifre... De uma coisa estou certo: é que o sr. é tão mau poeta, como missivista...

Este equivale o outro.

Diz na sua carta confusa:

"Sr. Yves. Perdoa-me, senhor, a ousadia. Quiz pôr os pés onde as mãos não alcançavam. E... resultado: precipitei-me ao mais raso do chão. Quanto ao meu pseudonymo, senhor, nem me occorreu a lembrança daquelle escriptor dos jornaes. Permitta-me que lhe diga: Yves de "Saibam todos..." do "Fon-Fon", é sem mais duvida a pobre victima dos miseraveis poetaços que surgem como espantalhos na arte do verso.

Perdoa-me, senhor, o haver-lhe importunado, embora não intuitivamente. O Crdo. Att. "Cy" da... Noroeste de S. Paulo."

MUCIO DA VEIGA (Ceará) — Olá! O Ceará é terra de gente talentosa. Deu Gustavo Barroso, o Martins Capistrano, o Elcias Lopes... E todos do FON-FON... E o sr.? Que será, caro confrade? Leiamos a sua missiva:

"Yves: Era certo que um dia eu havia de bater á sua porta. Não sei porque o coração me dizia isso. Procurei fugir por todas as maneiras ao influxo de sua critica. Mas, tive de cahir tambem, como todos os que caem... Serenamente. De olhos fitos na distancia. Esperando. E si a desilusão chega, ficam de olhos parados, ainda... Na distancia. Esperando. Sempre.

Eu não queria nunca que o elegante cronista de "Fon-Fon" chegasse a ler alguma coisa minha. E' que eu temo pelas palavras que não sejam sinceras. E por aqui, por este Norte (pela nossa linda terra mesmo: — Pernambuco) ha tanta gente que diz bem de mim que eu chego a duvidar da verdade do que diz essa gente. Raramente chega um que endireita uma coisa que eu faço. Esses sim, eu os creio sinceros. Mas, ha tambem uma *turma* que faz tanto elogio, diz tanta coisa, Yves, que eu fico tonto, sem saber si acredito, sem saber si não...

Até que afinal houve quem me aconselhasse: — "Mande alguma coisa para o Yves. Da opinião delle você verá si vale ou não".

Agora, cá estou eu.

Sem rodeios. Sem muita coisa, entregando-lhe o meu *Amor de cabocla*. Vale porque é um quadro pintado ao natural, lembrança ainda de nossa terra, num engenho. Não vale porque... não vale mesmo, ouviu?

Mande dizer-me com toda lealdade si gostou ou não; si póde haver um cantinho para ele em sua linda revista; ou, então, si foi para o cesto. Si fôr, meu carofaça uma cestinha bem alinhada, sim? toda em setineta côr de rosa. Porque deve ser horrivel um mergulho numa cesta de papeis sujos...

Espero suas noticias e peço-lhe noticias de Isolda dos olhos de bronze... Você lembra ainda, Yves?"

Até logo.

Mucio da Veiga."

Muito bem. Aqui vae a resposta: o regionalismo é coisa já muito explorada. Mas a sua fantasia "Amor de cabocla" está bem feita.

Agrada. Logo que haja espaço será publicada.

NÉSLON PINTO (Pernambuco) — Agradeço e retribúo o seu amavel telegramma de bôas festas.

LELIA MARIS (Minas) — Ah! Não perco a opportunidade de publicar a sua cartinha gentil, na qual me envia palavras tão desvanecedoras para mim.

Escreve-me v. ex.:

"Sanatorio de Palmyra. Yves, ha muito que desejava escrever-te, para agradecer os momentos de prazer que teus versos e cronicas teem-me dado; e talvez saibas o que sejam momentos de prazer para uma creatura enferma, longe de todos, passando dias e dias a olhar para o céo azul.

Gosto do que escreves, porque atravez de tuas ciropias de "blazé" vejo o travo amargo da desillusão.

Yves, não quero te tomar mais tempo, só queria te dizer que sem o saberes tens sido um lenitivo na minha vida.

Sinceramente *Lelia Maris.*"

Para mim é um grande consolo o saber que as minhas ficções, as minhas divagações literarias, concorrem para adoçar a dor silenciosa de almas desconsoladas e enfermas.

FILIPPA DE LENCASTRE (Pernambuco) — Ahi está uma bôa emoção que v. ex. me proporciona, de maneira imprevista.

Estava habituado a receber as suas bellas cartinhas da sua bella patria, que é tambem a patria de Camões. O nosso querido Portugal. Agora, fazendo-me encantadora surpreza, v. ex. me endereça um cartão postal de Recife, a minha terra, e põe, no seu reverso, estas palavras gentis:

"Pernambuco - 11 - 11 - 932.

Ao pisar pela primeira vez terra brasileira não quero deixar de enviar para o Yves as minhas saudações.

Você não esperava certamente que da sua terra lhe escrevesse a Filippa de Lencastre".

A. M. GUIMARÃES (?) — De quando em quando, recebo aqui cartas de descomposturas formidaveis, assignadas por cavalheiros que são contrariados nas suas pretenções literarias. Mas, tambem, recebo as de applauso e que visam fazer a justiça que outros, por despeito, me negam.

Vejamos a missiva do senhor A. M. G.

"Exmo. Snr. Dr. Bastos Portela m. d. collaborador na brilhante revista "Fon-Fon". Rio de Janeiro. Senhor, Assiduo leitor da illustrada revista "Fon-Fon", atravéz de cujas paginas se distingue o brilho da vossa apurada e respeitavel cultura intellectual, não posso deixar de manifestar-vos a minha admiração pela secção de "Saibam todos...:" que é tão finamente por vós dirigida. Essa pagina de "Fon-Fon", não raras vezes traz aos seus leitores, divertidos instantes de deliciosas gargalhadas, ao ponto mesmo de se lhes desopillar o figado. Para exemplo basta citar-se o "Saibam todos...:" que se encontra nos exemplares de "Fon-Fon" do dia 26 - 11 - 932. Releva-se, nessa pagina, o sr. *Anicar* (Bahia) que, depois de enveredar aos "trambulhões" pela arte tão difficil quanto admiravel do verso, chegando ao ponto de profanál-a com as suas asneiras, teve a devida recompensa, a qual, em traços precisos e revestidos de muita graça, soubestes dar-lhe, ao mesmo tempo em que proporcionastes aos leitores um numero precioso de agradavel humorismo.

Não podeis crer — distincto senhor — o quanto me divirto com as vossas respostas naquella secção, sob o pseudonymo de Yves. Amo a poesia, assim como admiro aos poetas, conheço o "Tratado de versificação" de Bilac e Guimarães Passos e, por isso mesmo aprecio sobre modo aquella pagina de "Saibam todos...:" e voto-lhe extrema admiração pelas maneiras intelligentes com que a dirigis. Não venho provocar-lhe com as minhas palavras, agradecimentos da vossa parte, sendo tão sómente meu intuito, despretenciosamente, dizer-lhe que sois lido e admirado até em recantos como este em que eu vivo.

Sinceramente

Le votre admirateur."

Não gostei do "Exmo. Sr." que é solemne de mais; mas achei delicioso aquelle seu "le votre admirateur:" Oh, é magnifico, seu Alcino! E' um gozo!

AL (S. Paulo) — Sou-lhe extremamente sensivel á gentileza que teve para commigo, publicando uma nota sobre o meu romance "Uma garçonne carioca", no excellente jornal o "Commercio de Jahú".

Quanto á sua collaboração, foi entregue ao secretario.

DEMETRIUS (S. Paulo) — Não sei como encarar a sua carta. O sr. já tem recebido obsequios meus.

Será por isso que elogia o meu romance? Ou será que me faz justiça?

Em todo caso, a sua critica vae aqui:

"Santos, 21 de Dezembro de 1932. Meu caro Bastos Portela. E' inutil esse arzinho de colera. Esse gesto irritado. Desta vez não me escapas. Então pensas que é só escrever livros magnificos como "Uma garçonne carioca" e se occultar, modestamente no gabinete (de trabalho)? Não! São inevitaveis os cumprimentos. E as apreciações gratuitas. Por isso, ahi vae a opinião que formei sobre o teu romance. Dois pontos.

E' um livro raro. Rarissimo. Uma perola escondida numa concha feia. A personagem central é uma joven hysterica. Um verdadeiro caso pathologico. E não po-

(*Cont. na pag. seguinte*)

dendo reagir á tentação diabolica das joias scintillantes, dos vestidos custosos e dos extractos embriagantes com que a sociedade se enfeita e se perfuma, atirou-se escada acima, n'uma subida vertiginosa... Porque a sociedade é uma escada fatal. Que tem manhas de serpente e fulgurações satanicas de esmeraldas á luz. D'ahi a attracção ophidica que exerce sobre as jovens inexperientes, que nada mais sonham do que brilhar como estrellas de "primo cartel", nas famosas reuniões do "high-life". E ellas vão subindo apressadas, olhos no alto, respiração offegante, braços estendidos para a frente... num supremo e vão esforço de alcançar a imagem fugidia do seu sonho... Até que vem a queda, brusca e decepcionante. Sem que tenham attingido o cume ambicionado!...

Rolam até bem baixo, no lodo do vicio e da depravação, sem ter quem as ampare e enxugue as suas lagrimas. Foi isso que focalisaste no teu livro. De avental branco, touca á cabeça e bisturi na mão, puzeste á mostra, com desenvoltura notavel, esse cancro terrivel que pouco a pouco, vae compromettendo a tão decantada moral dos povos. A prostituição disfarçada! E encoberta. Que vae, traiçoeiramente, minando os alicerces da familia, no ambiente estonteante das "garçonnières" e nos aposentos escusos das pensões e hoteis suspeitos, que se multiplicam assustadoramente. (3)

Tudo isso, mercê da educação incompleta e descuidada que as

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

* * *

jovens recebem dos paes, naturalmente sob a influencia de credos religiosos. Creio, pois, que todas as moças deviam ler "Uma garçonne carioca". Em suas paginas, encontrariam armas contra os "chasseurs de femmes", que pullulam por toda a parte, intencionalmente gentis e caritativos. Eis porque, eu tenho a opinião de que livros como o teu, não devem ser escondidos das donzellas. Porque assim, desappareciam as jovens ingenuas — prezas faceis para esses canalhas egoistas... — e talvez augmentasse o numero das outras... as difficeis, que são muito mais appetitosas...

Voltando ao livro, o estylo me é sympathico. Algumas vezes, sceptico, mordaz — outras, ligeiramente humoristica, desenvolves com brilho invulgar o teu romance, sem esquecer a erudição. Mas, esta não chega a enfadar como em outros livros que já tenho lido e cujos autores attingem o cumulo da pretenção. Vê-se bem, que conheces o segredo de dosar a illustração. Por isso, não haverá paladar litterario que não se satisfaça com "Uma garçonne carioca.". Finalmente, sobre os personagens, estão magistralmente photographados. Tanto assim, que não me foi difficil identifical-os. E's um photographo psychologo.

Mas o diabo é aquella "garçonne"... Infelizmente não a encontrei. Já é azar... Vou terminar, pedindo-te encarecidamente, desculpas pelo tempo tão criminosamente roubado. E aproveitando o ensejo, faço votos para que sejas muito feliz pelo Natal, e que o Anno-Novo te seja prodigo em saúde, prosperidade e triumphos litterarios.

Do ex-corde *Demetrius*."

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 7-1-933

Data da consulta......

Nome da consulente......

....

FELICIDADE

De Edwaldo Calmon

MAIS um anno que se vae... um mundo de illusões que desapparece... a derrocada de muitos sonhos de amor...

* * *

Tudo isso eu escrevi hontem, no livro da minha vida, com o coração amargurado, quando o velho anno partia, entregando o destino de todos nós a 1933, cuja chegada foi festivamente assignalada nos clubs, nas ruas, nas igrejas, emfim, em toda parte...

Esperei que, na grande comitiva de 1933, você viesse, minha adorada esperança, minha inacreditavel Felicidade! Mas você não veiu. Falhou, como sempre. E nunca somos, nunca nos consideramos felizes quando esperamos um alguem, e esse alguem não chega para povoar a solidão da nossa vida. Foi exactamente isso o que se deu, hontem, commigo. Ha trez longos mezes que eu venho preparando com immenso carinho o técto amigo, sob o qual você pudesse permanecer por algum tempo, por muito tempo, para dar a este pobre louco, e sonhador que a adora tanto, que já descrê de tudo e de todo mundo, a esmola consoladora do seu beijo, a caricia protectora das suas mãos invisiveis, a promessa rutilante do seu sorriso, fazendo-o um forte e tornando-o um crente. Mas você não veiu...

Vinte e um annos já lá se vão. E eu esperando sempre, aguardando ansioso a sua chegada, o dia feliz da sua chegada! Mas você não veiu.... Não sei si você é bonita; que côr você tem. Amo-a, entretanto. Nos meus sonhos, nos meus livros, nos meus versos, ha sempre um pouco de você. De você, que, quanto mais a amo, mais a adoro, mais a desejo, mais exalto a sua belleza, mais se afasta de mim, como uma rainha orgulhosa como uma princeza a quem os galanteios de um pobre vassalo ferissem toda a sua nobreza...

Você é a rainha do meu coração, dos meus pensamentos, minha constante preoccupação, meu unico e ardente desejo, minha grande alegria, meu encanto, a fascinação da minha vida, o resumo de minhas aspirações, o meu grande desejo impossivel!

Durante toda a noite, emquanto doces creaturinhas sorriam contentes, na rua illuminada e cheia de movimento, applaudindo a entrada triumphal do novo anno, permaneci na minha alcova silenciosa esperando a hora da sua chegada, a hora feliz da sua chegada! Mas você não veiu... Vieram, sim, sonhos... esperanças... illusões... Sómente você não veiu, meu grande desejo impossivel, minha inacreditavel Felicidade!

ANNO NOVO

De Walter de Sequeira

* * *

UM soluço, um ai, e o corpo cahiu exangue. Nadia, horrorizada, os olhos esbugalhados, o revolver pendente da mão, lançou-se, chorando, sobre elle.

— Oh, meu amor, fui eu que o matei, eu que o queria tanto!...

Altair, num derradeiro esforço, arrastou-se até o divan proximo. Um filete de sangue escorria-lhe do peito.

— Querido, não morreste, não morrerás; continuarás a viver sempre e...

— Não, Nadia. Chegamos ao fim e o fim só poderia ter sido este; fizeste bem. Perdôa-me

Nadia não o ouvia. Desvairada, procurava limpar o sangue que escorria da ferida. Altair, com a calma que sempre o caracterizára, ainda mesmo naquelle momento sorria estranhamente:

— Não pensei que me amasses tanto assim!...

— Depois de quasi quatro annos, ainda duvidavas?!

— Sim; julgava-o phantasia do teu cerebro de creança e por isso procurei uma mulher.

Um soluço interrompeu-o. Novamente, Nadia era tomada pelo ciume e pela dôr.

— Uma criança, eu? Não reconhecias as phantasias e os devaneios do meu affecto somente porque eram os enleios dos que amam pela primeira vez!

— Oh, minha adorada!

— E para a outra és apenas um homem, um acontecimento a mais na sua vida. Foi essa a creatura que tu procuraste para sentir realmente o amor, o amor que não acreditava em mim, na minha puerilidade de adolescente...

— Nadia...

— Eu jamais queria ser uma creatura "blasée", com um passado como o de Hilda. Quiz esquecel-a, mas outros homens não me interessaram.

— Querida!

— Outra mulher!... Ias romper o anno junto della; o anno que eu suppunha que te trouxesse de volta!

— Nadia, sinto que tudo escurece; toma-me as mãos...

— Oh não, por favor... Altair!...

— O nosso amor... foi sempre... uma brincadeira... e...

— Uma bricadeira?... Eras tudo para mim. Tudo só, não; era ainda mais do que tudo!

— Eu sempre te quiz muito!... Tu te afastaste por ciumes... e agora... agora será... o fim.

A ultima lagrima, o ultimo gemido, e Altair morria nos braços de Nadia. Tremula, desorientada, em soluços, ella tornou, ironicamente:

— O fim... a brincadeira do nosso amor não terá fim.

Lá fóra, rompia o anno-novo. Buzinas, apitos estridentes, abraços felizes e confetis sobre cabeças radiantes.

Um riso nervoso rompia do peito de Nadia. Como louca, ella acariciava os cabellos crespos de Altair.

— Elle agora é meu... elle é só meu... Não irá mais para os braços de Hilda e passará todo o anno commigo.

Abraçou-o, soffrega; o riso tomava-a completamente:

— Elle aqui está; não terá pressa de se ir embora desta vez. Não passará mais como um estranho deante de mim! Ah, o amor... como é bom amar!

As gargalhadas estridentes sahiam-lhe cada vez mais altas.

— Algumas pessôas acorreram a ver do que se tratava: encontraram um homem meio tinto de sangue e uma mulher a rir, com os labios encostados á face delle.

Da mão della pendia um diario. Viraram a primeira pagina: "Dia 15 de julho. Conheci Altair e com elle toda a ventura de amar! Dia 15 de julho... o dia mais feliz da minha vida!"

Algumas mulheres perderam o sentido.

Lá fóra, continuavam os gritos ensurdecedores, os vivas ao Anno Bom.

Hilda, no baile, surprehendida pela demora de Altair, valsava alegremente, no emtanto, envolta por João. Seria, aquelle o seu proximo amor, o amor daquelle anno.

Na rua, Nadia, seguida por uma multidão, era levada para o carcere.

UM OLHAR

De DANA BOURNET

FOI, para nós, desagradabilissimo ver chegar, naquella tarde, Martha e Felippe. Porque Elza, minha esposa, havia convidado Hugo Stafford a palestrar um pouco, em casa, antes de jantar. E estavamos conversando tranquillamente com Hugo, no *living-room*, quando ouvimos que o carro parava deante da porta do jardim. Lamental-o, sobretudo, por causa de Hugo a quem estimamos como a um irmão.

E tambem gostamos de Martha, prima de minha esposa, e até certo ponto minha filha adoptiva. Martha ia casar com Felippe Blake, de quem era noiva havia seis mezes. E Hugo estava apaixonado por Martha, desde pouco depois da officialização do noivado. A Hugo, como a nós, parecia ridiculo que a formosa e delicada Martha se casasse com Felippe Blake, homem sem outras virtudes além de sua riqueza.

Era aquelle um dia terrivel, de frio glacial. Uma espessa neve fechava o horizonte. A paizagem gris infundia uma tristeza invencivel. Elza pensou que era um crime deixar Hugo sozinho em casa. Que idéas angustiantes não assaltariam, em um dia assim, um homem apaixonado! Minha esposa telephonou, pois, a Hugo, que, para afugentar seus amargos pensamentos, se esforçava em vão por continuar trabalhando na comedia que devia entregar no fim do mez. E Hugo acceitou alvoroçado o convite de Elza.

Minha esposa não podia suspeitar que Martha e Felippe se lembrassem de visitar-nos. A chegada do casal foi um verdadeiro *accidente*. A mim homem sem complicações, aquillo me surprehendeu como as scenas inesperadas com que os dramaturgos augmentam o interesse de suas obras. Mas Hugo, homem de theatro, pareceu não se commover. Nenhuma perturbação reflectia seu rosto. E até nós dois chegava já a voz clara de Martha cumprimentando minha esposa, no *hall*.

— Não nos esperavas, não é verdade?... Passavamos perto, e resolvemos vir até aqui.... A neve é tão intensa, que não se póde guiar. E faz tanto frio!.... Serás capaz de nos dar uma taça de chá, querida?

— Ora filha... E' para mim uma surpresa agradabilissima. Como está, senhor Blake?...

A antipathica voz de Felippe — mais antipathica ainda desde o dia em que Martha consentiu em se casar com elle — respondia:

— Bem, obrigado, senhora. Como vae a senhora? Seu esposo?... Estão com visitas?...

— Não. Estamos em familia. Pódem entrar...

E, emquanto penetravam no *living-room*, Elza lhes annunciou:

— Está ahi Hugo Stafford.

Pensei que aquella scena pudesse ser, com effeito, interessantissima do ponto de vista theatral. Mas na vida quotidiana resultava embaraçosa e ingrata. Nesse momento, Hugo espirrou. Um espirro suave, que serviu, em parte, para evitar o momento de frieza que certamente se produziria.

— Olá, Hugo! — falou Martha, avançando para nosso amigo. — Parece que se resfriou.

— Não — respondeu elle. — E' que fumei muito.

— Sim: deve ser o cigarro — exclamei, para dizer alguma coisa. E perguntei:

— Conhece Hugo Stafford, Felippe?

— E por que não? — respondeu o noivo de Martha, com um sorriso. — Que tal, Stafford?

— Bem. Obrigado — disse Hugo seccamente.

Elza preparou uns *cocktails* e os serviu immediatamente. Bebemos em silencio. Mas a palestra não tardou em iniciar-se, embora lenta e sem enthusiasmos.

— Já encontrámos casa — annunciou Felippe a minha esposa.

— Uma casa muito bonita — esclareceu Martha. — Em uma collina com panoramas esplendidos. Todas as manhãs poderemos ver o oceano de nosso quarto.

— Vocês tiveram sorte — commentei. — A nós a colina nos impede de ver o mar.

— E em dias como este nem siquer podemos ver a collina — ajuntou Elza. — A neve é tão espêssa!

— Sim: muito espêssa — disse Felippe Blake. — Era-me difficil manter o carro no caminho. E' muito perigoso guiar na treva.

— E mais perigoso voar — accrescentei, para levar a conversação a themas impessoaes.

Elza que me comprehende instantaneamente, tomou de novo a palavra:

— Na semana passada os aeroplanos não nos deixaram dormir.

— E a mim tambem não permittiram trabalhar — disse eu.

— São uma verdadeira praga, esses aeroplanos! Ha um que passa todas as noites roçando o tecto. A' hora do jantar, em geral.

— A proposito: acho que nos vão dar a honra de jantar comnosco — convidou Elza.

Inesperadamente, Hugo se levantou.

— Lamento não poder acceitar — exclamou. — Preciso terminar um trabalho urgente que deixei

(Cont. na pag. seguinte)

UM OLHAR

(Continuação)

pela metade. Muito obrigado por sua amabilidade, Elza.

Hugo voltou-se para Martha:

— Adeus, Martha.

Mas ella, erguendo-se, por sua vez, disse:

— Si me permitte... o acompanharei até o caminho.

— Encantado!

Felippe não poude dissimular um gesto de contrariedade que só eu notei. Hugo estreitou-me a mão, cumprimentou minha esposa e Blake. Um minuto depois, desapparecia na neve.

* * *

POR espaço de um quarto de hora, Felippe Blake e eu conversavamos dissimulando nossos verdadeiros pensamentos. Elza nos deixára para ir dar algumas ordens na cozinha. Felippe e eu falavamos de qualquer coisa. Fizemos diversas considerações acerca do tempo, das neblinas, da aviação.

— Parece que hoje não nos visitará o aeroplano — conclui, nervoso já pelo retardamento de Martha.

Nesse momento, entrou Elza. levantei-me e disse:

— Um segundo, senhor Blake. Irei ver o que aconteceu a Martha.

— Oh, não se incommode! Eu irei...

— De maneira alguma...

E apressei-me a sahir, para evitar a insistencia de Blake.

Era quasi de noite. O jardim se achava envolto em sombras. Devido á espêssa neve, era-me difficil orientar-me. E aquillo me produzia uma estranha sensação de miseria. Como era possivel que não reconhecesse os caminhos tão familiares do jardim?

Avancei lentamente, até encontrar Martha. Nossa amiga se sentára em um banco proximo á grade. Detive-me deante della. Depois, em silencio, sentei-me a seu lado. Eu suspeitava o estado de espirito da moça, e não me atrevi a perturbar suas meditações.

De repente, Martha exclamou:

— Não! Não posso traçar minha vida por um olhar!...

— Por um olhar? Não comprehendo, Martha. Explique-me. Talvez eu lhe possa dar um conselho.

Falei-lhe com ternura. E ella respondeu-me soluçando:

— Eu não saberia explicar-lhe, Luis. Trata-se de coisa insignificante: de pouco, de muito pouca coisa... Mas...

— Que lhe disse Hugo?

— Suas palavras não me preoccuparam, Luiz... Disse o que sempre me repete: que me ama, que me amará toda a vida; que, si eu me casar com Felippe, serei uma infeliz; que ainda estou em tempo... E accrescentou que eu lhe pertenço; que Deus me fez para elle.

— Deus? — interroguei. — Hugo crê em Deus?

— Crê em um Ser, em uma Força, em Alguma Coisa... E diz que essa força faz questão de unir-nos; que eu não posso desafiar impunemente o destino... Ah! por que falarão assim certos homens? Hugo sustenta que, si eu me casar com Felippe, renegarei a minha juventude, a minha belleza, e que Deus me castigará... E, agora, vacillo, me atormento. Por isso olho o céo!

— O céo, Martha? — exclamei, espantado. — Por que você olha o céo?

— Desde menina olhei o céo á procura de signaes com que guiar meus actos. Creio que todos, em seus momenots de desespero, olham o céo... E eu preciso, agora mais do que nunca, de um signal, de uma voz que me guie. Porque Hugo...

Martha vacillou. Tomei-lhe as mãos.

— Fale, Martha. Não receie. Quero-a como a uma filha...

— Hugo — proseguiu ella — despediu-se de mim com um olhar. Eu acabava de dizer-lhe que estava resolvida a casar-me com Felippe. E seu olhar foi... qualquer coisa que me feriu como um punhal. Foi... um olhar de desprezo, de infinito desprezo.

Nada disse, nem podia dizer. Comprehendia a angustia de Martha, porque imaginava Hugo, pállido, olhando-a com aquelles seus olhos profundos e negros. Um olhar de desprezo!... Pobre Martha!...

— Entremos — convidei-a, para pôr termo áquella situação. E' hora de jantar.

Martha obedeceu como uma criança dócil. Silenciosos, nos encaminhámos para casa, onde já haviam accendido as luzes.

Sentámo-nos á mesa. A frieza inicial foi transformando-se em

"A MULHER QUE MATA"

HEITOR MONIZ, brilhante jornalista e critico do *Correio da manhã*, assim recebeu o romance do nosso querido companheiro Mario Poppe, que está fazendo um ruidoso successo literario:

"Mario Poppe tem o seu logar marcado no circulo dos nossos intellectuaes.

E' um escriptor que, ha muitos annos, cultivando, com igual carinho, varios generos literarios, vem realizando uma obra consciencioso, que o colloca, incontestavelmente, entre os valores expressivos de sua geração.

Depois de haver publicado "De que ellas gostam", "A Cidade do Amor" e "Você me conhece?" tres titulos como elle não os encontraria mais suggestivos, o sr. Mario Poppe, que é tambem o autor de uma peça de theatro levada entre nós com successo, "O baile de mascaras", lança, agora, um romance, "A mulher que Mata".

"— Ah! os homens não conhecem o amor...

UM OLHAR

(Conclusão)

animação e alegria. Felippe, sorridente; Elza, tagarella; eu, bromista; Martha, pensativa, mas cordial.

De repente, interrompemos nossa conversação, e escutámos. No silencio da noite, ia insinuando-se, cada vez mais claro e forte, o ruido de um motor.

— Um auto, certamente — disse Felippe.

— Não — respondeu Martha.

Minha esposa e eu calámo-nos. Conheciamos aquelle ruido. E estavamos, sem saber por que, um pouco impressionados. O ruido foi augmentando até transformar-se em ribombo de trovão.

— Vôa muito baixo! — exclamou Elza.

— Apesar da neve! — disse eu. — E passou quasi roçando o tecto!

— Vae matar-se! — gritou Martha, sobresaltando-se.

A voz da joven era aguda, penetrante. Contendo a respiração, esperámos. Esperámos o que presentiamos que devia occorrer.

E occorreu. Ouvimos o ruido de um choque terrivel contra o solo. Corri. Martha lançou-se atraz de mim. Grandes chammas se elevaram deante de nossos olhos dilatados de terror, dissipando a neve.

Parámos offegantes, indecisos. Olhei Martha, como consultando-a. Martha extendeu o braço, e gritou:

— Ali está elle!... No chão!... Precisamos salvál-o!

Não nos foi difficil, dado o logar em que havia cahido o corpo do aviador, afastar as chammas. Mas foi penoso, depois, o trabalho de arrastar o cadaver. Cadaver, sim, porque o aviador havia morrido na quéda. Seu corpo apresentava feridas atrozes.

Apenas seu rosto, por um milagre, apparecia illeso. Illeso e em toda sua frescura e belleza. Tinha os olhos abertos. E aquelles olhos não eram impressionantes, como os olhos dos mortos. Eram os olhos de um menino.

Martha ajoelhou-se junto ao cadaver. Eu me apressei a pousar a mão no hombro de minha amiga, instando-a a que regressassemos a casa. Martha, porém, me afastou a mão. Longo tempo permaneceu ajoelhada, contemplando o rosto do aviador.

Ouvimos vozes atraz de nós. Martha ergueu-se rápida, agarrou-se a meus braços e implorou:

— Leve-me daqui!... Não quero ficar!... Leve-me!...

— Bem — disse-lhe. — Vamos.

Não me lembro do que succedeu nesse momento. Vagamente, me parece recordar a expressão piedosa de Elza e o rictus impressionante de Felippe. Pouco depois, Martha e eu nos encontravamos no auto de Blake. Martha gemia e supplicava.

— Para a casa de Hugo!... Onde mora elle? Nunca soube onde morava!... Mas quero ir a sua casa... Quero vêl-o, falar-lhe, ouvil-o...

— Mas...

— Nada, nada!.. Vamos! Depressa!

Cedi. Puz o motor em movimento. E o vehiculo avançou na neve. Nem me detive, siquer, em explicar a minha esposa o motivo daquella viagem precipitada.

Na casa de Hugo havia luz. Batemos á porta. Um criado nos introduziu no *hall* contiguo á bibliotheca. Quando o criado foi annunciar-nos, perguntei a Martha.

— Que a decidiu? Nada me disse, Martha, mas comprehendo que você renunciará a casar com Felippe.

Com voz apagada, ella me explicou:

— Sim. Vi-o outra vez. Vi-o nos olhos desse pobre rapaz morto. Agora sei, agora sei o que significa esse olhar de desprezo... Significa que ha um Deus, e que esse Deus premia e castiga!... Entende, Luis?... Os olhos do morto olharam-me com desprezo, como os de Hugo... Foi o signal, o signal do céo que eu esperava!...

Guardei silencio. Quem poderia responder alguma coisa áquellas palavras balbuciadas com atormentado desespero?

O criado reappareceu. Martha estreitou-me as duas mãos, agradecidas. Vi, então, que de seus olhos rolavam lágrimas.

Cerrou á porta da bibliotheca:

— Hugo!...

E a esbelta silhueta de Martha penetrou na sala, recebida por uma exclamação de intenso jubilo:

— Tu?... Minha Martha!... Mas... por que choras?

O criado fechou a porta. Discreto, gyrei sobre os calcanhares e sahi para a rua...

— Que heresia de uma bôcca tão linda!

— Affirmo.

— Eu seria capaz de provar o contrario.

— Duvido.

— Não ha regra sem excepção...

— Oh! não me faça rir quando tenho vontade de chorar.

— Chorar?!

— A côr deste crepusculo me faz mal aos nervos."

E a acção começa a desenvolver-se...

O romance do sr. Mario Poppe é quasi todo feito em dialogo.

O autor é o que menos apparece em scena.

A falarite aguda dos seus personagens não lhe dá uma trégua em que elle possa entrar...

Não ha descripções. Dois, tres periodos e o quadro está apresentado.

Não ha tempo perdido, ou ganho, em considerações sobre os factos que se desenrolam, ou sobre o caracter dos sêres em movimento.

Corre a vida... e na vida desenvolvem-se os homens e mulheres que o sr. Mario Poppe creou.

Dialogos animados. Scenas vivas, de grande communicabilidade. E quando o leitor estremece, sem ter dado por isso, o romance está no fim".

COMMEMORAÇÕES LITERARIAS

Em 1932, entre outros, celebraram-se os seguintes anniversarios literarios: o 24.°... centenario da estréa dos *Sete contra Thebas* de Eschyllo, uma das maiores obras do theatro grego e, tambem, o 2350.° anniversario de *As supplicantes*, de Eurypedes.

Um pulo de alguns seculos, e temos, ainda, o 1950.° anniversario da publicação dos *Amores*, de Ovidio.

Saltemos mais alguns seculos: em 1532 Rabellais publicou o primeiro livro do *Pantagruel*. Cem annos mais tarde, em 1632, nascem mme. de Lafayette, Bourdelone e Spinósa. No mesmo anno Galileu descobre o movimento de rotação da terra.

Em 1732 nascem Beaumarchais e mlle. de Lespinasse.

1782: publicam-se *Les liaisons dangereuses*, de Laclos e as famosas *Confissões*, de J. J. Rousseau.

1832: é o anno da *Indiana*, de George Sand, do *Stello*, de Alfred de Vigny, e da morte de Goethe e de Cuvier.

E, em 1882, ha cincoenta annos, portanto, morrem Longfellow, Darwin, Emerson, Rosetti, Gambetta. E nascem James Joyce e Girandoux.

HOMEM DE RECURSO

Conta-se que o papa Sixto V percorria, ás vezes, disfarçadamente, as tabernas de Roma, com o proposito de melhor conhecer o seu povo.

E succedeu que, em uma dessas tabernas, um soldado, depois de haver bebido copiosamente pagou ao taberneiro com a lamina da sua espada, lamina que substituiu por uma folha de madeira, logo mettida na bainha.

O papa presenciou toda a scena, sem ter sido reconhecido.

No dia seguinte deveria realizar-se uma execução capital em presença da tropa. O commandante da mesma faz adeantar-se o soldado em questão e communica-lhe que, por ordem de sua santidade, é elle o encarregado de executar o réo. O soldado empallidece, mas logo recupera sua presença de espirito e, numa invocação a Christo, exclama:

— Faze, Senhor, com que a lamina de minha espada se transforme em madeira, evitando, assim, que ella sirva para matar o proximo!

E, desembainhando a espada, deixou os presentes pasmos pelo "milagre".

CARRO DE BOIS

Canta, carro de bois de minha terra,
Que o teu canto dá fôrças ao carreiro!
Elle vae, bravamente, o dia inteiro,
Das intemperies arrostando a guerra.

E essa voz o conforta, — e o valle, e a serra
Embalando-lhe as penas, teu madeiro
Enche com o vasto canto alviçareiro
Em que a alma toda do sertão se encerra!

Quem soffre canta. Os canticos são côros
Dos desgôstos e mágoas concentrados...
— São os poetas assim, mal comparando,

Como os carros de bois, que vão cantando,
Fortes, serenos, grandes, carregados,
Quanto mais cheios, tanto mais sonóros.

SEBASTIÃO NORONHA

Seara alheia

O snobismo

E' uma religião, apesar de viverem os snobs em um estado de devoção perpetua junto a suas divindades, que são os titulos nobiliarchicos, os milhões o idioma inglez, os votos de admissão nos grandes clubs, etc.

Não se sabe se alguns chegam até o extase no mysterio de suas meditações solitarias. Basta-lhes, sem duvida, para isso encontrar-se em uma habitação a sós, com um almanack de Gotha.

Existe uma mythologia do snobismo. Não ha exclusivamente divindades de primeira ordem, porque ha tambem semi-deuses, heroes lendarios, nymphas, furias, Parcas, sempre dispostas a cortar o fio dos destinos humanos com os quaes não estejam satisfeitos..., velhas e pavorosas Sybilas que fulminam horrorosas prophecias...

De todas as fabulas que nos legaram os velhos poetas, uma dellas pode passar, sem qualquer alteração, da mythologia grega para a mythologia do snobismo. E' a do pastor Marsyas. Como elle, morrem todos aquelles que se atrevem a verificar os meritos das pessoas altamente collocadas — MARCEL BOULENGER.

Elevação

Imaginai que começamos a subir para o céo azul tão bello, tão puro...

Vemos passar alguma coisa muito branca, muito alva... Será algum anjo?... Não: é uma nuvenzinha ligeira, quasi invisivel.

Elevamo-nos sempre. O sol é mais brilhante. O ar se faz mais frio e já custa respirar-se bem... Mais alto... Mais alto!... O sol engrandece pouco a pouco: já parece cahir a metade do céo. Este perdeu de todo sua bella colloração azul. Chegamos ás camadas superiores da atmosphera: falta-nos o ar; ha um zumbido nos nossos ouvidos...

Um pouco mais acima, talvez encontremos os anjos e os deuses. Mas, não: ainda não os vemos. Envolvem-nos um frio polar e a obscuridade do espaço interplanetario. E o enorme disco do sol parece prestes a cahir sobre nós. Onde estarão os anjos? Onde estará Deus?... Então seria tudo uma illusão?

Não ha senão frio, silencio, morte... VALENTIM KATAH.

PRINCIPIO DE ROMANCE

Você surgiu em pétalas de sons aos meus ouvidos.
Passou cantando uma cantiga de praias desoladas
No panorama de azulejos,
E ficou todinha em mim.

Foi na hora suggestiva dos crepusculos antigos...
Uma garôa muito fina
Sacudia os nervos
Numa caricia de terror secreto...
Estava frio. A cabelleira poetica do vento
Espalhava um aroma mentiroso de paizagens...
E no silencio inviolavel das coisas e das almas
Pairava uma ameaça azul de santidade.

Você surgiu... Você passou... E desappareceu.

Agora, anda uma allegoria de theatros hellenicos
Na lenda dos meus olhos assombrados...
Uma sensação de rythmos e um tumulto de revoadas
Pulsando em minhas veias...
Velha alma do infinito em séquitos de luz
Encenando o espectaculo do amor e da alvorada!

Por que você acordou o meu somno de silencio
Com o silencio cantante das ausencias?...

Agora, eu amo tudo...
Tenho a impressão
Que você vive, e canta, e vibra em meu Destino
Como uma luz divina,
Purificando e abençoando a minha saudade!

BRIGIDO TINOCO

PEDRO NEGRO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(CONTINUAÇÃO)

Cumprimentou, e ficou, como bom marinheiro, a torcer o barrete na mãos.

— O seu nome? perguntou Holmes.

— Patrick Cairns.

— Arpoador?

— Sim, senhor, vinte e seis viagens.

— E' de Dundee, creio eu?

— Sim, senhor.

— Que ordenado quer?

— Oito libras por mez.

— Póde partir immediatamente?

— E' só aprontar a bagagem.

— Tem os seus documentos?

— Sim, senhor.

Tirou da algibeira um livrete sebento. Sherlock examinou-o num relance e tornou a dar-lh'o.

— Trouxe a menina para que o senhor a pintasse.
— Meio corpo, ou corpo inteiro?
— Não! Que disparate! As faces, sómente...

— Você é o homem que eu procuro. O con está aqui em cima da mesa, assigne e fica o feito.

O marinheiro atravessou a sala e pegou na p

— Onde hei de assignar? — perguntou curva sobre a mesa.

Sherlock encostou-se-lhe ao hombro e pass as mãos por sobre o pescoço.

— Prompto, disse elle.

Ouvi o som metallico de corrente e um urro de furioso.

Um momento depois, Sherlock e o marinhei lavam pelo chão.

A sua força era tal que, apesar das algemas Sherlock tão agilmente lhe tinha posto, não ta a dominar o meu amigo, se Hopkins e eu não semos depressa em seu auxilio.

Só quando lhe encostei á fronte o cano do rev comprehendeu que seria inutil qualquer resist Atamos-lhe os pés com uma corda, e levantam estafados.

— Na verdade, devo pedir-lhe muitas desc Hopkins, disse Sherlock, porque os ovos estão com certeza, mas você talvez almoce com mais te lembrando-se que está afinal terminado est com todo o brilho para si.

O joven inspector de policia ficara mudo de es

— Não sei que diga, exclamou afinal, pare que desde o principio andei como um idiota, e co ço-me agora do que nunca deveria ter esquecido, eu sou o discipulo e o senhor o mestre. Mesmo que estou vendo o que o senhor fez, não sou de atinar porque o fez e o que tudo isto significa

— Bem, bem! disse Sherlock com bom humor sempre com a pratica que a gente aprende, e a que lhe dei, ha de servir-lhe. A pista do moço N absorvia-o a tal ponto que não teve tempo de p em Patrick Cairn, o verdadeiro assassino de Negro!

A rude voz do marinheiro interrompeu a nossa versa.

— Olhe, ó senhor, disse elle, não me queixo d me fizeram, mas o que exijo é que dêem ás co seu verdadeiro nome. Dizem que *assassinei* Carey. Affirmo-lhes que o *matei*, eis a differença

"Talvez não acreditem nas minhas palavras gam talvez que lhes minto?"

da disso, disse Sherlock. Vamos a ver o que dizer-nos.

rei breve, e ficarão sabendo toda a verdade. Eu a o Pedro Negro, e quando o vi arremessar-se com uma faca na mão, trespassei-o com o porque comprehendi que um de nós tinha que ll. Foi assim que elle morreu. Se os senhores a isto um assassinato, eu pouco me importo; uero morrer com a corda na garganta do que coração atravessado pela faca de Pedro Negro.

mo foi você ali ter?

hes contar isso de fio a pavio, mas dêem-me ideira para poder falar com mais facilidade. a de 1883, no mez de agosto. Pedro Carey era do "Unicornio do Mar", e eu ia a bordo na de de arpoador auxiliar.

hamos dos gelos do norte singrando para In- ; levavamos vento contrario, e havia mais de mana que os temporaes do sul nos davam ela barba.

ontramos um navio pequeno que fôra acossado Norte. Trazia apenas um homem, que não era o e a tripulação, julgando que o barco ia afun- fugira na canoa para as costas da Noruega á deve ter morrido afogada.

bemos este homem a bordo, e durante a tra- teve largas conversas com o capitão. Toda a agem consistia numa caixa de folha. Nunca ou- unciar o seu nome, e desappareceu na segunda omo se nunca tivesse existido.

se nessa occasião que elle se deitara ao mar, a ido pela borda fóra no meio da tempestade. nica pessoa sabia o que era feito delle, eu; eu ha visto o capitão atar-lhe os pés e deital-o quando eu estava de quarto numa noite es- na, dois dias antes de avistarmos os pharoes tland.

rdei commigo o segredo, á espera dos aconteci- . Quando voltamos para a Escossia, já não sava nisso, nem em tal se falou mais. Tinha um desconhecido por desastre, seria inutil r investigação.

co tempo depois, Pedro Carey abandonou o e eu passei muitos annos sem lhe descobrir o ro; comprehendera eu que tinha praticado o para entrar na posse do contendo da caixa de lembrei-me que pagaria caro o meu silencio. marujo, que o encontrou em Londres, deu-me endereço; fui logo procural-o para lhe sacar . Na primeira noite, esteve muito razoavel, e se disposto a dar-me uma quantia sufficiente viver descançado d'ali em deante. se devia arranjar na noite seguinte. Quando entrevista estava meio bebado e de pessimo sentamo-nos, bebemos, e falamos do passado.

Quanto mais bebia, mais ameaçador se tornava o seu olhar.

"Reparei no arpão collocado no cabide, e pensei que talvez chegasse o momento em que me visse na necessidade de me servir delle. Por fim rompeu a furia. Veiu direito a mim, praguejando, com uma grande faca na mão; mas antes que elle a podesse tirar da bainha, tinha-o eu trespassado com um golpe de arpão.

"Santo Deus! Que grito enorme elle deu! A sua cara persegue-me desde então no meu somno. Fiquei ali pregado emquanto o sangue corria por todos os lados. Escutei; não se ouvia bulha nenhuma lá fóra.

"Enchi-me de animo, olhei em redor de mim, e vi a caixa de folha na prateleira. Tinha tanto direito áquillo como elle, peguei-lhe e fugi para fóra do camarim. Mas tão asno fui, que deixei a bolsa de tabaco em cima da mesa!

"Mas vão ver a parte extraordinaria da minha historia. Logo que eu sahi, senti passos; escondi-me na matta. Vi chegar um homem que entrou no camarim, deu um grito, como se tivesse visto um espectro, e fugiu desatando a correr á desfilada! Quem era elle? O que queria? Não lhes sei dizer. Por mim, andei dez milhas nessa noite paar ir tomar o comboio a

— Magnifico! Vão morrer de riso.
— Quem? Os elegantes?
— Não: os peixes...

Tunbridge Wells, e cheguei a Londres sem mais percalço.

"Quando examinei a caixa, verifiquei que não tinha dinheiro, mas sim papeis que eu nunca me atreveria a vender. Perdi toda a esperança de enriquecer, e acheime nas ruas de Londres, desempregado e sem dinheiro.

Só me restava o meu officio para ir vivendo. Vi os annuncios pedindo arpoadores aos quaes se offereciam soldados importantes, dirigi-me á agencia que para aqui me mandou.

"Aqui está tudo quanto sei, e concluindo affirmo que sendo verdade que matei Pedro Negro, a justiça devia ficar-me obrigada, porque lhe economisei o preço de um baraço."

— Ora aqui está uma exposição bem clara — disse Holmes levantando-se e accendendo o cachimbo — Parece-me, Hopkins, que será melhor mandar o preso para logar mais seguro. Este quarto não pode servir de prisão e o senhor Patrick Cairns occupa aqui muito espaço.

— Sr. Holmes — disse Hopkins — não sei deveras como manifestar-lhe o meu reconhecimento. Até agora, ainda não comprehendo como o senhor conseguiu este resultado.

— Bem, Pedro, acho que já é hora de iniciarmos a descida...

— Muito simplesmente, porque desde o principio que achei a verdadeira pista. Se eu tivesse sabido da descoberta da carteira, pode ser que eu me tivesse desviado como você, mas todos os pormenores que eu tinha convergiam para o mesmo ponto. A força hercules, a destreza no manejo do arpão, o rhum, a bolsa de pelle de phoca, o proprio tabaco, tudo isto denunciava o embarcadiço. Eu estava convencido que as iniciaes P. C. da bolsa eram uma pura coincidencia, e não as de Pedro Carey, visto que elle fumava pouco, e nem sequer tinha um cachimbo no camarim. Lembra-se que lhe perguntei se no camarim havia whisky e cognac? Você respondeu affirmativamente. Não ha como os maritimos para beberem rhum, mesmo que haja em casa outras qualidades de alcool. Eu estava certo que não era senão um maritimo.

— E como o descobriu?

— O problema é muito simples, meu caro Hopkins. Se era maritimo, devia ser um dos que tinham estado com elle no Unicornio porque elle nunca commandara outro navio. Passei trez dias a telegraphar para Dundee. No fim deste tempo obtive os nomes de toda a tripulação do Unicornio em 1883. Quando soube que Patrick Cairn pertencia ao numero dos arpoadores, as minhas pesquizas estavam quasi terminadas. Reflecti que o sujeito devia estar em Londres, e que desejaria andar por fóra algum tempo. Passei muitos dias nos antros de Londres como se quizesse recrutar uma tripulação para uma expedição arctica, promettendo salarios muito elevados aos arpoadores que quizessem servir ás ordens do commandante Basil. O resultado viu-se.

— Maravilhoso! — exclamou Hopkins.

— E' preciso alcançar, quanto antes, a liberdade do pobre Neligan — disse Holmes — Você andará com juizo, se lhe pedir muitas desculpas. Convem tambem entregar-se-lhe a caixa de folha; emquanto aos valores que Pedro vendeu, decerto que estão perdidos para sempre.... Ahi está a carruagem, pode levar o seu figurão, Hopkins. Se precisar de mim no decorrer do processo estou com certeza nessa occasião em qualquer parte da Noruega com o Doutor Watson. Mais tarde lhe enviarei mais pormenores.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

O VENDEDOR DE CADAVERES

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 45$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:

Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$000

Enfraquecimento dos Rins

O exito de nossa cruzada contra o ENFRAQUECIMENTO DOS RINS deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Os primeiros indícios de enfraquecimento dos rins, são em geral as dôres nas costas. A dôr póde ser leve no principio, porém se não se agir immediatamente para combater a causa, a consequencia póde ser dias e noites de incessantes soffrimentos. Isto não é exaggero. Qualquer que soffra de Dòres Chronicas nas Costas lh'o dirá.

Renato Watson, rua Visconde de Pirajá 210, Rio de Janeiro. "Tendo recibido a amostra de suas Pílulas De Witt, é com o maior contentamento que venho, por meio desta, não só agradecer-lhes, como informar que estou completamente curado do mal dos rins que ha longos annos me fazi padecer. Usei muitos remedios sem conseguir melhora, até que respondendo ao vosso annuncio, experimentei essas maravilhosas Pílulas De Witt."

Ha mais de 40 annos que os médicos recommendam as Pílulas De Witt para as affecções dos rins e da bexiga. São um medicamento em que V. S. póde depositar toda a confiança, pois a sua acção benefica sobre os ditos orgãos é rapida e directa.

Nada custa experimentar as Pílulas De Witt; estamos tão convencidos de seus méritos que *preferimos* que V. S. as experimente sem qualquer outra despeza alem da do sello do correio de 20 reis para enviar o coupon abaixo.

Envie o coupon hoje mesmo e pela volta do correio receberá um fornecimento GRÁTIS para experiencia.

PILULAS DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLÉSTIAS DOS RINS

e todas as Moléstias provenientes do excesso de ácido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R158),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome...

Endereço...

....

Queira escrever com clareza

Mande em [illegible] 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO 116 — TEL. 81-3957

DIARIAS DESDE 15$000

PÓ DE ARROZ
ROYAL BRIAR
ATKINSON